



Universidade de Brasília - UNB
Instituto de Psicologia -IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

**CURSO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO, EDUCAÇÃO E INCLUSÃO
ESCOLAR – UNB/UAB**

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA:
DESAFIOS E POSSIBILIDADES**

VALDICÉLIA CAVALCANTE

ORIENTADORA: ANA PAULA PERTUSSATI TEPERINO

BRASÍLIA/2015

VALDICÉLIA CAVALCANTE

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA:
DESAFIOS E POSSIBILIDADES**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED/IP – Unb/UAB.

Orientadora: Profa. Msc. Ana Paula Pertussati Teperino

BRASÍLIA/ 2015

TERMO DE APROVAÇÃO

VALDICÉLIA CAVALCANTE

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA:
DESAFIOS E POSSIBILIDADES**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UnB/UAB. Apresentação ocorrida em ___/___/2015.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

ANA PAULA PERTUSSATI TEPERINO

MERCEDES VILLA CUPOLILLO

VALDICÉLIA CAVALCANTE

BRASÍLIA/2015

DEDICATÓRIA

A minha família que contribuíram de forma direta e indireta nessa especialização. Aos meus pais de criação já falecidos, que em vida sempre buscaram me motivar a ter uma formação superior.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus, que é Soberano e nosso Criador. Agradecer pela fonte inesgotável de coragem, inteligência, persistência, capacidade para que pudesse superar as mais complexas situações que surgem em nossa vida.

Nessa oportunidade tenho muitos outros sujeitos que foram fundamentais para a conclusão desta conquista e, por isso, quero agradecer de forma elogiada algumas figuras importantes que marcaram a minha vida durante esse curso, e que certamente usarei como marco e referência para a minha vida profissional e pessoal. Quero agradecer de forma muito especial a minha Orientadora Profa. Msc. Ana Paula Pertussati Teperino que foi minha Orientadora desde o início até a conclusão dessa monografia.

A minha família pela força, apoio e compreensão que me ofereceram durante todo esse percurso para que eu pudesse superar todas as dificuldades, desafios e imprevistos que aconteceram.

A todos os professores (as) presenciais e online desse Curso de Especialização que fizeram parte desde os primeiros módulos até a fase final, pela significativa trajetória que passamos juntos, no qual nos ofereceram uma variedade de conhecimentos e valores fundamentais para nossa vida tanto profissional quanto pessoal. Agradecer ainda à diretora e aos professores, às crianças foco desta pesquisa, que contribuíram com seu processo de desenvolvimento escolar.

E por fim aos nossos colegas do curso, aos que não continuaram no curso, e que por alguma razão do destino tiveram que desistir. E todos aqueles que continuaram arduamente nessa jornada. Incontestavelmente, os sujeitos citados nesse expressivo trabalho, trouxeram uma parcela significativa no aperfeiçoamento e na concretização dessa conquista, tanto pessoal quanto profissional.

Enfim, aos que somaram conosco nas atividades realizadas desde o início do curso, meu eterno abraço de gratidão.

E a todos lembrados, calorosamente, o meu muito OBRIGADA!!!

[...] a educação não é a alavanca da transformação social, mas sem ela essa transformação não se dá. Nenhuma nação se afirma fora dessa louca paixão pelo conhecimento, sem que se aventure, plena de emoção, na reinvenção constante de si mesma, sem que se arrisque criadoramente. Nenhuma sociedade se afirma sem o aprimoramento de sua cultura, da ciência, da pesquisa, da tecnologia e do ensino.

(FREIRE, 2009)

RESUMO

Letramento é a capacidade do uso de diferentes tipos de materiais escritos que circulam socialmente, possibilitando que o sujeito tenha contato direto com os diversos usos da leitura e escrita. A alfabetização é o início da formação escolar da criança, é também a fase que construirá a base para todos os anos de escola. Esse trabalho é uma investigação cujo objetivo foi analisar a trajetória do processo de alfabetização a partir dos estudos desenvolvidos em duas escolas de Educação Infantil. Para a realização da pesquisa foram levantadas as seguintes questões: Como acontece esse processo de alfabetização na Educação Infantil? As metodologias utilizadas pelas professoras são propícias para o desenvolvimento das crianças com Necessidades Educacionais Especiais? Para tanto, a metodologia utilizada nesta pesquisa foi a qualitativa, optamos pelo estudo de caso como estratégia de pesquisa, adotando a abordagem narrativa descritiva sobre a Alfabetização e Letramento respectivamente em duas Escolas da Educação Infantil que trabalha com crianças com Necessidades Educacionais Especiais em Cruzeiro do Sul/Acre. Os sujeitos pesquisados foram os professores das escolas, na totalidade de quatro participantes, que trabalham com crianças que apresentam NEEs e que fazem parte de turmas que estão na alfabetização, sendo esses de duas escolas diferentes. Foi realizada a observação direta não participante, e elaborado um questionário que foi entregue as professoras, ainda, investigamos qual o melhor método utilizado pelas docentes para ajudar nesse processo de desenvolvimento da leitura na criança com NEE. Constatamos que as crianças estão se desenvolvendo positivamente no decorrer do ano letivo e superando suas necessidades, perpassando as hipóteses de escrita estruturadas. Usam uma metodologia no fazer docente que se expande para além dos métodos tradicionais do ensino, compreendendo os alunos como sujeitos cognoscentes e de conhecimentos e que mesmo com suas dificuldades buscam se inserir no âmbito escolar. Desse modo, é possível dizer que as questões do letramento são também lembradas nas práticas das professoras quando usam as atividades de leitura e escrita para além da sala de aula nos diferentes usos sociais buscando envolver todas as crianças em um mesmo objetivo, que é o desenvolvimento e a integração das crianças com NEEs nas escolas.

Palavras-Chave: Alfabetização. Letramento. Educação Inclusiva Especial.

LISTA DE ABREVIATURAS

LDB	Leis de Diretrizes e Bases_____	10
NEE	Necessidade Educacional Especial_____	10
ONU	Organização das Nações Unidas_____	15
MEC	Ministério da Educação e Cultura_____	15
DCN's	Diretrizes Curriculares Nacionais_____	29
MEC	Ministério da Educação_____	30
AEE	Atendimento Educacional Especializado_____	32
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação Infantil_____	39

Sumário

1 INTRODUÇÃO	10
2.1 Contexto histórico da inclusão no Brasil: breves considerações	14
2.1.1 Período de 1980 a 1988.....	14
2.1.2 Período de 1990 a 1999.....	15
2.1.3 Período de 2000 a atualidade.....	15
2.2 Métodos de alfabetização e suas contribuições para ensinar a ler e escrever	16
2.2.1 Método sintético.....	17
3.2.2 Método analítico	18
2.2.3 Alfabetização e letramento	18
2.2.4 Fases da alfabetização	22
2.3 Possibilidades e avanços na Educação Infantil Inclusiva	25
2.4 Formação saber e prática do pedagogo e a Educação Especial infantil	28
3 OBJETIVOS	33
3.1 OBJETIVO GERAL	33
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	33
4 METODOLOGIA	34
4.1 Fundamentação Teórica da Metodologia	34
4.2 Contexto de Pesquisa	34
4.3 Participantes	35
4.4 Materiais	35
4.5 Instrumentos de Construção dos Dados	35
4.6 Procedimentos de Construção de Dados	36
4.7 Procedimentos de Análise de Dados	37
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	38
5.1 Observação das aulas	38
5.2 Discussões a partir do questionário aplicado	41
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	54
APÊNDICE	57

1 INTRODUÇÃO

Meu nome é Valdicélia Cavalcante, moro em Cruzeiro do Sul/Acre, esse é meu primeiro ano como professora do ensino infantil. Escolhi estudar esse Curso de Especialização porque acredito que seja um desafio para o professor trabalhar com a inclusão, e se o mesmo estiver bem preparado o seu papel como mediador do conhecimento terá mais resultados na vida da criança com Necessidade Educacional Especial. Esse é o meu primeiro ano atuando como professora, dito anteriormente e a cada dia percebo a importância que o docente tem em procurar se qualificar de acordo com as necessidades que surgem nessa profissão.

Em se tratando desse fato abordado e através dos estudos desenvolvidos no curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, tive o interesse em elaborar a pesquisa em duas escolas públicas de Educação Infantil no município de Cruzeiro do Sul/Acre, com o propósito de investigar como é trabalhada a Alfabetização e Letramento da criança com Necessidade Educacional Especial (NEE) que cursa o Ensino Infantil, apresentando os desafios e as possibilidades existentes.

Por ser essa etapa da vida um período que envolve o lúdico, as brincadeiras, as descobertas e que desperta a curiosidade nas crianças de conhecerem as letras, e mesmo com todas as dificuldades e desafios que os professores enfrentam, acredito ser algo gratificante para um educador, auxiliar uma criança com Necessidade Educacional Especial a se desenvolver nos processos de construção de conhecimentos. Nesse propósito, esse trabalho é uma investigação que tem por objetivo compreender como acontece o início do processo de alfabetização nestas crianças.

De acordo com o art. 29 da LDB de 1996 (Leis de Diretrizes e Bases), a Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social. Por sua vez, o papel da escola é muito importante para o desenvolvimento dos alunos, tornando a Educação Infantil a estrutura fundamental para um bom desempenho no processo de construção dos conhecimentos escolares e extraescolares da criança. Ela permite capacitar o aluno a partir do seu desenvolvimento integral e se tornar uma pessoa com possibilidades para lidar com as mais variadas situações. Tornando uma criança

equilibrada emocionalmente e futuramente, um adulto psicologicamente e socialmente apto a viver em sociedade.

Narodowski (2001) em sua obra *Comenius e a Educação* afirma que,

A infância não pode ser outra coisa senão onde se assenta, portanto, a base a partir da qual se atingem as metas superiores. [...]. Assim, a infância é o ponto de partida com a qual o autor justifica seu discurso. [...]. A infância é apenas o ponto de partida que se faz necessário, posto que existe uma meta à qual pretende chegar através do ordenamento dos processos, do simples ao complexo, da primeira idade a idade madura (NARODOWSKI, 2001, p. 44 - 45).

Nesse sentido, compreende que a formação dos professores contribui no primeiro contato da criança com as descobertas do simples para o complexo, possibilitando o seu desenvolvimento no processo de construção de conhecimentos sobre a leitura, a escrita e seus desenvolvimentos escolares, lembrando que o resultado desse processo conta com a formação adquirida pelo professor.

A qualificação profissional dos professores contribui bastante, principalmente para trabalhar com a inclusão no qual necessita de cuidados e métodos qualificados, afim de que possa atender todas as necessidades existentes em sala de aula. Dessa forma, houve uma necessidade de investigar como acontece a busca de métodos capazes de desenvolver o aprendizado nas crianças com Necessidades Educacionais Especiais. Nessa linha de pensamento Beyer destaca que:

Penso que devemos discordar da definição de inclusão que provoca a desconsideração das diferenças entre as crianças, obrigando-as por meio de um currículo inflexível ou hegemônico, a comportarem-se e a aprenderem como a maioria o faz (BEYER, 2006, p. 86).

As crianças com Necessidades Educacionais Especiais apresentam aprendizado de forma diferenciada dos demais. Os mesmos aprendem de forma personalizada, sendo fundamental primeiramente conhecer como elas aprendem para depois poder ensinar de maneira produtiva. O autor traz uma diferença entre integração escolar e inclusão. Dessa forma entendemos que para poder haver uma inclusão é preciso partir dos processos metodológicos contemplando adequadamente as demandas adquiridas na escola, o que requer qualidade com aqueles que a acolhem, e não apenas uma integração escolar das mesmas. Para que isso aconteça é importante que o currículo pedagógico seja flexível e passível de mudanças, não algo pronto e acabado. Dessa forma, com a presença de crianças inclusivas esse documento também sofrerá possíveis transformações e adaptações.

De acordo com Soares (2008), podemos enfatizar a grande contribuição da Educação Infantil no processo de alfabetização da criança, no qual busca desenvolver todas as habilidades, principalmente da escrita, da leitura, da lateralidade e das capacidades psicomotoras. Sendo a Educação Infantil a base de todo o percurso escolar, pois por meio da alfabetização a criança poderá se desenvolver positivamente ou negativamente no processo de ensino/aprendizagem, o que poderá acarretar possíveis dificuldades no processo de construção do conhecimento escolar e no dia-a-dia dos sujeitos caso seja desenvolvido negativamente no âmbito escolar. Dessa maneira, é correto afirmar que as crianças que apresentam NEE precisam de alguma forma se desenvolver, mesmo que de forma gradativa e respeitando todos os seus limites e possibilidades existentes.

Foi investigado como acontece com as crianças com Necessidades Educacionais Especiais que estão iniciando seu percurso escolar. Se os métodos alcançam resultados satisfatórios e atendem as necessidades apresentadas por cada educando, buscando os preparar para uma sociedade que necessita do uso da leitura e escrita.

Essa pesquisa é de grande importância para o nosso percurso como profissionais na área da educação e ainda como leitores, pois por meio dos resultados aqui obtidos teremos uma visão ampliada de como é trabalhado o processo de alfabetização de crianças com NEE em duas escolas públicas do ensino infantil. Podemos também conhecer um pouco da realidade vivenciada pelos professores no processo de alfabetização dos seus alunos. Também tivemos conhecimentos de como são desenvolvidas as atividades dos professores da escola e os desafios que são encontrados na alfabetização dessas crianças que apresentam alguma NEE.

A partir dessa pesquisa estamos conhecendo algo novo e construindo novos significados para o nosso aprendizado sobre a prática docente, pois foi possível aprender com os professores, por estarem nos ensinando estratégias importantes que são utilizadas no processo de construção do conhecimento dos seus alunos, como por exemplo, as metodologias, a elaboração de planos de aula, material didático e avaliação, entre outros aspectos relevantes para o seu desenvolvimento, bem como as brincadeiras.

É importante enfatizar o momento da ludicidade no contexto da alfabetização, procurando conhecer as brincadeiras utilizadas, pois brincar também é coisa séria, e como será que isso acontece com as crianças que apresentam Necessidade Educacional Especial, pelo qual quase sempre são superprotegidas, e de certa forma impedidas de realizar as atividades como as demais crianças. É no ato de brincar que a criança entende a realidade, desenvolve a imaginação, os afetos e as competências. Precisamos destacar que

consideramos todos esses pontos importantes e de total relevância para nossa jornada enquanto educadores, tomando os cuidados necessários para um bom desempenho profissional.

Nesse sentido, essa pesquisa contribuiu para conhecer mais sobre a realidade do aluno e também dos professores, pois a partir de tal conhecimento aprendemos a respeitar as diferenças de cada um, isso porque acreditamos que a diversidade envolve também a cultura e as necessidades das pessoas desde a Educação Infantil. É ainda fundamental que os professores conheçam quem são seus alunos, quais suas dificuldades e facilidades, para poder desenvolver adequadamente suas atividades escolares com os alunos.

Pouco conhecemos sobre a realidade do aluno que participa dessas condições de estudo, e até mesmo com relação a sua realidade familiar, ou seja, se os próprios pais fazem alguma leitura de livros para os filhos, o que de fato seria muito eficaz para o desempenho dessas crianças no período de alfabetização. Kleiman afirma que,

Embora as crianças não participem de leituras de livros infantis, elas são expostas a eventos de letramento em grupo, nos quais vários membros da comunidade negociam oralmente o significado de um texto e, desde muito cedo, elas começam espontaneamente a produzir histórias (KLEIMAN, 1995, p. 98).

De acordo com Kleiman, a criança entra em contato com a leitura muito cedo, mesmo que ainda não domine o ato de ler, mas o contexto social já faz parte de sua vida, o qual aos poucos vai se desenvolvendo e adquirindo mudanças mais significativas no processo de alfabetização. Por isso, acreditamos que ocorram desafios no período de alfabetização, e conseqüentemente o professor deve vivenciar alguma dificuldade para trabalhar com a alfabetização de crianças com Necessidades Educacionais Especiais. Se o mesmo não estiver preparado para conhecer todos os níveis de alfabetização que as crianças podem apresentar, principalmente por terem particularidades, e isso fazer parte da realidade, reconhecer as fases da alfabetização e também saber identificá-las, fazendo com que o papel profissional do professor seja voltado para esses cuidados e desafios almejados pela instituição escolar e pelas NEE dos alunos.

A partir dos fatos aqui mencionados, percebemos a grande importância para o nosso desenvolvimento profissional em ter realizado uma pesquisa sobre essa temática, em que o foco maior é o desenvolvimento do letramento das crianças com Necessidades Educacionais Especiais da Educação Infantil. Com esse estudo teremos mais conhecimentos sobre a prática e saberes, e também os cuidados que os professores

precisam adquirir em relação à alfabetização dessas crianças a partir de suas práticas desenvolvidas em sala de aula.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Contexto histórico da inclusão no Brasil: breves considerações

Nesse momento será apresentado um pouco sobre o contexto histórico da inclusão no Brasil, e para essa discussão serão utilizadas as contribuições de Costa (2010) afim de que se tenha uma fundamentação teórica rica em contextos e novas visões, além de outros autores que dominam o assunto. Para uma melhor compreensão da temática, é fundamental descrever sobre o significado de Educação Inclusiva, nesse contexto Freitas esclarece que,

A concepção de educação inclusiva estabelece então, para as escolas, que as mesmas devem acomodar todos os alunos, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Ainda, deve incluir alunos deficientes, alunos com altas habilidades, crianças e jovens de rua, crianças e jovens que estão no mercado de trabalho, outras que são nômades, de minorias étnicas ou culturais, crianças e jovens de distintas áreas geográficas, ou de outros grupos em desvantagem, e/ou marginalizados (FREITAS, 2003, p. 41e 42)

A escola deve estar preparada para atender e receber toda a clientela que busca ser inserida nesse âmbito educacional, para tanto é preciso não apenas inserir, mas ainda incluir e ajudar a desenvolver aqueles que por ela buscam. É na escola inclusiva que os alunos aprendem a respeitar as diferenças. É a partir desse respeito que esses alunos podem adquirir autonomia frente ao conhecimento e ensinamento apresentado e construído socialmente. Por meio desse acesso ao meio escolar, a criança terá condições de adquirir conhecimentos e se desenvolver de forma global para que futuramente possa exercer sua cidadania.

2.1.1 Período de 1980 a 1988

A Constituição Federal de 1988 define educação no artigo 205, como um direito de todos, garantindo o pleno desenvolvimento da pessoa, o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho. Ainda no artigo 206, inciso I, estabelece a “igualdade de

condições de acesso e permanência na escola”. De fato, é fundamental que os sujeitos que apresentam NEE precisam ser inseridos e tenham a sua total permanência no âmbito escolar, para que dessa forma as suas capacidades físicas, sensoriais e intelectuais sejam desenvolvidas.

A Constituição Federal de 1988 tem como um dos seus objetivos fundamentais “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de deficiência” (art. 3º, inciso IV). Para que se tenha uma sociedade livre de preconceitos é preciso que esses aspectos sejam trabalhados dentro do seio escolar, ou seja, desde cedo as crianças precisam aprender a conviver e respeitar a diversidade que engloba o meio escolar.

2.1.2 Período de 1990 a 1999

Em 1990, a Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) estabeleceu que “todos os países membros deveriam iniciar uma organização interna em busca de construir sociedades inclusivas” (pág. 33). Nessa perspectiva, o Ministério da Educação afirma que,

Em 1994, é publicada a Política Nacional de Educação Especial, orientando o processo de “integração institucional” que condiciona o acesso às classes comuns do ensino regular àqueles que “(...) possuem condições de acompanhar e desenvolver as atividades curriculares programadas do ensino comum, no mesmo ritmo que os ditos normais”. (BRASIL, 2010, p. 12).

Àqueles que possuem plenas condições de se desenvolver e acompanhar o ensino regular devem ter o acesso às instituições escolares para que sejam incluídos, independentemente de qualquer que seja a sua deficiência e potencial de aprendizagem. O Ministério da Educação menciona que a Convenção da Guatemala (1999), promulgada no Brasil pelo Decreto nº 3.956/2001, “afirma que as pessoas com deficiências têm os mesmos direitos humanos e liberdades fundamentais que as demais pessoas” (p. 13). Portanto, seus direitos também envolvem o meio escolar.

2.1.3 Período de 2000 a atualidade

Em 2003, é implementado pelo MEC o Programa Educação Inclusiva que descreve: “direito à diversidade, apoiando a transformação dos sistemas de ensino em sistemas

educacionais inclusivos” (p. 14). Dessa forma, surgem nas escolas a necessidade de um processo de formação dos gestores e educadores, e conseqüentemente a ocorrência de possíveis mudanças nas escolas para possibilitar o processo de inclusão.

Em 2004 o Ministério da Educação sintetiza que,

O Ministério Público Federal publica o documento O Acesso de Alunos com Deficiência às Escolas e Classes Comuns da Rede Regular, tendo como objetivo disseminar os conceitos e diretrizes mundiais para a inclusão, reafirmando o direito e os benefícios da escolarização de alunos com e sem deficiência nas turmas comuns do ensino regular (BRASIL, 2010, p. 14).

Nessa linha de pensamento, os direitos de escolarização de pessoas com Necessidades Educacionais Especiais, oferecem benefícios que foram reafirmados nas turmas comuns do ensino regular como explicitado anteriormente, portanto, podemos dizer que a inclusão trouxe pontos decisivos para a vida dessas pessoas, dentre eles o direito de interagir e aprender com os demais em um mesmo ambiente.

Atualmente o processo inclusivo tem caminhado lentamente em nosso país e ainda apresenta muitas dificuldades enfrentadas e vivenciadas nas escolas, muitas vezes por falta de recursos, preparação e acessibilidade para que esses alunos possam deslocar-se acessivelmente. Bazzatto afirma que,

Na atualidade, ainda é possível encontrar professores que se apresentam resistentes a trabalhar com alunos que apresentam necessidades educacionais especiais, talvez devido ao conhecimento restrito sobre as deficiências e as possibilidades/habilidades do sujeito com alguma limitação ou receio de expor sua fragilidade teórica. (BANZZATTO, 2010, pág. 39).

Dessa forma, por vezes fica evidente o receio que os educadores apresentam em trabalhar com crianças que apresentam NEE. Como afirmou o autor, esse fato acontece por falta de preparo desses profissionais, que mesmo com muitos anos de sala de aula ainda trazem incertezas ao trabalhar com a inclusão. Além disso, o professor precisa demonstrar domínio teórico para que possa compreender quais as dificuldades que seu aluno apresenta, e futuramente auxiliá-lo no processo de ensino e aprendizagem.

2.2 Métodos de alfabetização e suas contribuições para ensinar a ler e escrever

Silva (2007, p. 52) esclarece que os métodos não “são ingênuos, e não são irrelevantes na escola. Tanto na vida como na escola os métodos são fundamentais por conduzirem aos resultados esperados ou não, ou seja, ao sucesso ou fracasso”. O autor explana que a alfabetização começou no momento em que o sistema de escrita foi inventado, quando foi criada a maneira como decifrar a escrita para a leitura (idem, p. 53). Segundo Silva, até a Revolução Francesa, o processo de alfabetização apresentava um caráter individual, por essa razão o surgimento dos métodos era alfabetizar mais crianças de uma só vez.

2.2.1 Método sintético

Ferraro (2009, p. 64 e 65) enfatiza que, do método sintético “surge o método alfabético, fônico e o silábico”. No método alfabético apresenta-se primeiro o alfabeto para depois formar as sílabas, seguido das palavras. No método fônico, une-se o som da consoante com o som da vogal, o aluno pronuncia a sílaba formada. No método silábico, parte-se primeiro das sílabas para então formar as palavras. Sobretudo, esclarece que não é o método fônico nem a teoria construtivista que é a salvação para um bom trabalho de alfabetização, mas a competência do professor e as condições materiais de realização de seu trabalho.

De acordo com as autoras Schelbauer, Lucas, Faustino (2010, p. 19), o “método sintético se inicia pelas partes da palavra: as letras, os sons das letras ou suas sílabas para chegar ao todo”, isto é, principiava sempre das partes para o todo.

Zaccur (1999, p. 53) considera que o método sintético acontece através de “treinos de imitação, repetição, associação e cópia, considerando que o erro era algo ruim, portanto se errasse era preciso de várias cópias, ou seja, da repetição para aprender a fazer o correto”. Ainda hoje, os erros são considerados construtivos, e reveladores das hipóteses com que a criança está atuando, sendo uma fonte de informação para aprender (idem, p. 53). No caso das crianças com NEE, os erros podem ser observados com frequência, pois suas dificuldades específicas de alguma forma contribuem com esse possível acontecimento, mas é preciso que o educador tenha consciência de que a aprendizagem acontece também por meio dos erros.

Ferreiro e Teberosky (1999, p. 279) explicitam que no método sintético “todas as crianças são iguais”. Nessa expectativa partilhamos do ponto de vista de Faria (2012) quando esclarece que:

A cartilha enfatizava o aprendizado pelo método sintético de alfabetização, partindo das unidades menores, em que era mais importante conhecer cada letra

para depois aprender as sílabas, depois as palavras, frases e pequenos textos. O viável era ensinar o abecedário, decorando-o. As atividades de leitura eram feitas por intermédio de exercícios de decifração e de identificação de palavras. Através destas atividades eram ensinadas as relações entre os sons e as letras (FARIA, 2012, p. 14).

O que realmente e em consonância com o autor, esse método remete ao uso cansativo da repetição, no qual suas atividades priorizavam mais a escrita correta das palavras. Carvalho (2010) discorre que o método sintético é peculiar de um tempo em que a maioria da população era analfabeta, não havia uma exigência da sociedade com relação a leitura, não existindo preocupação com o contexto social do principiante, as palavras eram soltas e sem sentido.

3.2.2 Método analítico

Schelbauer, Lucas, Faustino (2010, p. 20) ressaltam que o “método analítico vai influenciar as iniciativas colocadas em prática no momento demarcado entre a década de 1890 e meados de 1920”. Contudo Kleiman (1995) certifica que esse método é para construir o conhecimento.

Para Carvalho (2010), no método analítico ou global, contrariando o método sintético, a alfabetização parte primeiro das unidades maiores, como textos, contos ou frases e a partir daí tira-se as unidades menores. Por meio desse método é possível a compreensão do texto, pois estão sendo trabalhados textos com sentidos, e esses textos devem fazer parte da vida do aluno, buscando tornar o ensino mais significativo. A partir desses relatos foi perceptível na educação de muitas gerações o uso desses métodos na alfabetização de crianças.

No item a seguir, falaremos sobre a alfabetização e letramento, o uso dessa condição de ser um sujeito letrado na sociedade que promove a inclusão escolar e social.

2.2.3 Alfabetização e letramento

Para Soares (2009), letramento é uma palavra nova no vocabulário, portanto, somente nos anos 80 que ela surge no discurso dos especialistas. Segundo a autora, esse termo tem uma das primeiras ocorrências no livro de Mary Kato, de 1986 (No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística). Desde então, a palavra letramento torna-se cada vez mais frequente no discurso de especialistas.

Ainda conforme Soares (2009) a palavra letramento surgiu no Brasil na década de 80, já citado anteriormente, e é uma tradução para o português da palavra inglesa *Literacy*, que significa “condição de ser letrado”, deste modo, literate é o adjetivo que caracteriza o sujeito que domina a leitura e a escrita. Intui-se assim, que alfabetização e letramento são palavras distintas, ainda que elas necessitem andar juntas.

A autora afirma que, “letramento é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: estado ou condição que adquire um grupo social ou o indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”, (2009, p. 47). Em outras palavras, para a autora, letramento é o uso social da leitura e da escrita. Soares (2009) conclui que, é evidente que a interpretação de ser um indivíduo letrado na sociedade ainda é pouco compreendida. Ferreiro (2009) aborda que o contexto de letramento é a capacidade do uso de diferentes tipos de materiais escritos. Para essa situação, Soares (2009) conceitua os dois termos afirmando que analfabeto significa:

Aquele que simplesmente não sabe ler e escrever, e ser alfabetizado é, aquele que apenas aprendeu a ler e a escrever, não aquele que adquiriu o estado ou a condição de quem se apropriou da leitura e da escrita, incorporando as práticas sociais que as demandam. A explicação não é difícil e ajuda a clarear o sentido de alfabetismo, ou letramento (SOARES, 2009, p. 19).

A partir desse ponto de vista, compreendemos que letramento está ligado ao termo alfabetismo, mesmo que apresentando algumas diferenças, pois ser letrado envolve mais qualidades e especificidades que abrangem a leitura e escrita, na qual permite que o indivíduo leia e compreenda enquanto escreve. Soares afirma que ser letrado é ter o constante hábito de conviver com a leitura socialmente e ter a capacidade de responder adequadamente as demandas sociais da leitura e da escrita. Portanto, de acordo com a autora, percebe-se a necessidade de alfabetizar letrando, fazendo com que as crianças desde cedo participem e se envolvam no mundo da leitura e da escrita, adquirindo desta forma o prazer por essas atividades tão importantes e necessárias em nossa sociedade. Sociedade essa que atualmente busca inserir no seu contexto social pessoas que apresentam alguma Necessidade Educacional Especial e que são também capazes de oferecer suas contribuições e participação para o crescimento social.

Ainda nesse pensamento, Soares (2009) define também os termos alfabetizar, letramento e analfabetismo funcional, dizendo que a diferença entre alfabetizado e letrado é que, o indivíduo alfabetizado é aquele que sabe ler e escrever; já o letrado é aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, ou seja, pratica a leitura e a escrita. Assim sendo,

letramento é o uso social da leitura e da escrita, enquanto para o termo analfabetismo funcional a autora afirma que é o não letramento.

Por sua vez, a alfabetização segundo Santos, Romualdo e Ritter (2010) proporciona um conceito bem mais antigo que o letramento, anterior a própria escolarização, e pode ser acentuado como um processo de ensino da leitura e da escrita para as etapas iniciais de escolarização das crianças. Tfouni (2000) descreve que,

O que se nota, portanto, é o fato de o letramento poder atuar indiretamente, e influenciar até mesmo culturas e indivíduos que não dominam a escrita. Esse movimento mostra que o letramento é um processo mais amplo do que a alfabetização, porém intimamente relacionado com a existência e influência de um código escrito (TFOUNI, apud SANTOS, ROMUALDO e RITTER, 2010, p. 19).

Letramento pode ser entendido como relacionado a entrada dos indivíduos e dos grupos em práticas sócio históricas, que direta ou indiretamente, pressupõem a existência de uma escrita (*Ibid.* p. 20). Ainda nessa linha de reflexão e em contato com as pesquisas de Ferreira a “alfabetização envolve um processo de elaboração de hipóteses pelas crianças, fazendo com que a criança não seja um espectador do processo de alfabetização, mas tem um papel de inserir-se no funcionamento simbólico da escrita.” (SANTOS, ROMUALDO, RITTER, 2010, p. 22).

Da mesma forma, Soares (2009) aponta que,

A criança que ainda não se alfabetizou, mas folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda “analfabeta”, porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já é de certa forma, letrada (SOARES, 2009, p. 24).

Dessa maneira, a criança que se encontra nessas condições e fazendo uso da habilidade da leitura, certamente está começando a entrar no mundo do letramento. Principalmente se sua deficiência não afeta sua visão e audição ao mesmo tempo, impedindo por vezes, que o mesmo não possa perceber e interagir com esse mundo da leitura e escrita adequadamente. Segundo a autora, tornar-se letrado é também tornar-se cognitivamente diferente, passando a pensar diferente de uma pessoa analfabeta ou iletrada.

Embora possamos considerar os estudos sobre a alfabetização recentes, esses não deixam de ser importantes e significativos para o desenvolvimento social de uma população que precisa ser letrada. Tfouni, (2000) diz que,

A atribuição de novos sentidos para letrado e letramento deveu-se, assim, à percepção desses estudiosos de que havia algo além da alfabetização, mais

amplo, e que, de certa forma, determinava o processo de alfabetização (TFOUNI, apud SANTOS, ROMUALDO e RITTER, 2010, p. 12).

Esse “algo mais” é relacionado às diferenças da escrita, a presença das atividades de ler e escrever que permeiam livremente na sociedade, e que tanto exigem a compreensão e entendimento das pessoas, fazendo parte da vida cotidiana desses sujeitos, mesmo que não percebam o grande envolvimento que existe entre ambas as partes. Podemos citar como exemplos, a atividade de fazer compras, na ocasião em que estamos assistindo televisão, quando recebemos um convite ou até mesmo um simples recado, para sabermos onde fica a farmácia entre outros locais. Podemos dizer ainda que, tudo que envolve o meio social precisa e faz parte da leitura e da escrita estabelecendo um grande elo de ligação.

Nesse ínterim, podemos acrescentar os diferentes meios comunicativos que envolvem a leitura e a escrita, como receitas, jornais, televisão, revistas, cartazes, placas de trânsito, anúncios de outdoor, manual de instruções, dentre outros. Todos esses métodos de utilização para representar a escrita nos influenciam pela grande necessidade de sermos sujeitos alfabetizados e letrados numa sociedade que cobra tanto das pessoas, mas que oferece oportunidades para a inserção daqueles com NEE.

O sujeito que tem o hábito de ler adquire mais conhecimento na medida em que compreende a mensagem que está lendo, pois é fundamental saber compreender o que se lê para poder interpretar a leitura. Silva (1992) descreve que,

Ler é, em última instância, não só uma ponte para a tomada de consciência, mas também um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo (SILVA, 1992, p. 45).

Deste modo, a leitura permite que o leitor seja capaz de decodificar as difíceis situações existentes no mundo, permitindo que o indivíduo saiba se posicionar diante dessas situações. Por isso, a leitura adquire um papel ativo na educação e na vida pessoal de todas as pessoas, tendo o seu primeiro passo na alfabetização escolar. É importante ressaltar a partir do exposto que, na compreensão gerada sobre a leitura, esta permite que o leitor seja um ser ativo na sociedade, sabendo seus direitos e deveres, tornando-se críticos e sabendo também interpretar as mais variadas situações.

Por sua vez, a leitura passa a ser um meio de participação do homem na sociedade letrada, deixando também ser transformado pela leitura. Uma vez que, por meio dela o homem adquire cada vez mais conhecimentos, e na medida em que essa transformação ocorre, ele conseqüentemente muda o seu ponto de vista em determinados assuntos,

mostrando que o sujeito está sempre em busca de se atualizar através dos conhecimentos oferecidos pela leitura. Conforme Silva (1992):

O ato de ler envolve uma direção de consciência para a expressão referencial escrita, capaz de gerar pensamento e doação de significado [...]. A leitura [...] passa a ser, então uma via de acesso à participação do homem nas sociedades letradas na medida em que permite a entrada e a participação no mundo da escrita (SILVA, 1992, p. 64).

Nessa linha de raciocínio, a leitura é capaz de aperfeiçoar os pensamentos e os significados das situações presenciadas pelo indivíduo, permitindo que o mesmo tenha autoridade própria de saber interpretar e compreender as demandas da sociedade. Levando em consideração ainda o ato da escrita adquirido pelo próprio leitor, a leitura permite que o leitor desenvolva as habilidades da escrita de forma correta. Na medida em que alguém aprende a ler, conseqüentemente se aprende a escrever, sendo que uma está associada à outra e por isso estão interligadas. Silva (1992, p. 96) enuncia que, “a leitura não pode ser confundida com a decodificação de sinais, com reprodução mecânica de informações ou com respostas convergentes a estímulos escritos pré-elaborados”.

Isso comprova que a leitura precisa ser trabalhada nas escolas de forma que não permita que o sujeito fique apenas decodificando os sinais, sem saber interpretá-los e sem compreendê-los. É preciso que o leitor se transforme através da leitura, e possa compreender os significados exatos das escrituras que permanecem e circulam na sociedade. Silva (1992, p. 97) fala também que, “as crianças nunca chegam a escola num estado de ignorância, mas podem chegar analfabetas. Elas talvez não saem analfabetas, mas podem sair ignorantes”.

2.2.4 Fases da alfabetização

A criança em sua escolaridade passa por quatro fases importantes para o seu desempenho escolar, essas precisam ser diagnosticadas e bem trabalhadas pela professora regente para que o educando aprenda a partir dessas fases que surgem. É correto afirmar que as fases precisam ser respeitadas e bem desenvolvidas com métodos qualificados para que aconteça a mudança de uma fase para outra.

Sabemos que a criança chega à escola no nível pré-silábico e que dessa fase ela vai passando pelas outras até chegar à alfabetizada, e para esse discurso Zaccur (1999, p.72) salienta ainda que, “é preciso que a professora conheça bem as relações entre o sistema fonológico e o sistema ortográfico, e que compreenda a escrita como a

representação e não como transcrição da língua oral”. Segundo Azenha (2006, p. 69), “uma criança antes de entrar na escola, costuma rabiscar utilizando lápis e papel, se tiver oportunidade para isso”. Para a autora essas primeiras escritas nunca foram adequadamente consideradas, sendo vistas apenas como rabiscos ou garatujas sem importância. Nesse intermédio, quando a criança passa a frequentar a escola, começam a surgir às hipóteses de escrita por elas desenvolvidas. E como será que uma criança com NEE alcança essas fases? Esse é um questionamento que nos remete grande preocupação, pois dependendo de sua particularidade esse desempenho escolar não acontece de forma muito significativa e fácil de observar.

Ainda nessa cogitação e de acordo com a teoria e os estudos apresentados pelas pesquisadoras Ferreiro e Teberosky na obra “Psicogênese da língua escrita”, a criança passa por quatro fases até que fique alfabetizada. As autoras mostram que “a criança constrói diferentes hipóteses sobre o sistema de escrita, antes mesmo de chegar a compreender o sistema alfabético” (grifos dos autores SANTOS, ROMUALDO e RITTER, 2010, p. 38). Nessa perspectiva Ferreiro e Teberosky fundamentam em suas teorias as fases que a criança passa no processo de aprendizagem da escrita, que são as hipóteses elaboradas pelas crianças em suas próprias escritas, e nesse sentido falam inicialmente que:

Nível pré-silábico: é a busca de diferenciação entre as escritas produzidas pelo aprendiz sem preocupação com as propriedades sonoras, ou seja, a criança não relaciona as letras com os sons da fala;

Nível silábico: caracteriza-se pela relação entre a escrita das palavras e suas propriedades sonoras. Nesse a criança trabalha com a hipótese de que a escrita representa os sons da fala.

Nível silábico-alfabético: a criança escreve parte da palavra aplicando a hipótese silábica, ou seja, para escrever uma sílaba é preciso apenas uma letra, e a criança começa a perceber que escrever é representar progressivamente as partes sonoras das palavras.

Nível alfabético: caracteriza-se pela correspondência de sons e de grafias (FERREIRO e TEBEROSKY apud SANTOS, ROMUALDO e RITTER, 2010, p. 38).

Ainda nessa discursão, Soares (sem data de publicação) considera que, as crianças no Pré-Silábico Nível 1, produzem riscos e/ou rabiscos típicos da escrita que a criança tem como forma básica. No Nível 2 as crianças, à vista de materiais gráficos, descobrem que as coisas diferentes têm nomes diferentes. No Silábico Nível 3, a criança chega à hipótese de que a escrita representa a fala, sendo essa a fase mais importante da alfabetização. Já no

Nível 4 Silábico-Alfabético, a criança descobre que a sílaba não pode ser considerada como uma unidade, mas que ela é, por sua vez, composta de elementos menores. No Nível 5 Alfabético, o aluno já é capaz de fazer a análise sonora dos fonemas das palavras, porque descobre que cada letra corresponde a valores menores que a sílaba.

Essas fases são fundamentais na vida inicial escolar de qualquer criança, pois através deste meio e após a identificação, a criança poderá passar de uma fase para outra, conseguindo vencer as dificuldades encontradas durante o processo de construção de conhecimento. Nas palavras de Faria:

O aprendizado da criança não se restringe somente àquilo que o professor (a) ensina, como, às vezes, se efetiva na prática, pois, se assim fosse, todos aprenderiam no mesmo ritmo e pelo mesmo caminho, chegando ao fim da escolarização com os mesmos conhecimentos. (FARIA, 2012, p. 80).

Na perspectiva do autor, a criança não aprende somente de acordo com os conhecimentos que o educador transmite, mas com o seu próprio cotidiano e práticas por ela vivenciadas. Se fosse somente assim que acontecesse na aprendizagem, ou seja, pela transmissão do professor, todas as crianças aprenderiam no mesmo ritmo e finalizando com os mesmos conhecimentos. Mas somos sabedores que existem as fases apresentadas por cada criança, quando cada uma possui seu tempo específico de duração, e cabe ao educador trabalhar nesse processo de ensino e aprendizagem durante essas fases que a criança apresenta. Percebemos que cada aluno tem uma maneira adequada e própria de aprender, sendo fundamental que esse processo de construção seja conhecido e respeitado pelo professor alfabetizador.

Para a pesquisadora em linguagem na área de alfabetização, Maria Alice S. Souza e Silva (1995),

A passagem da criança de um nível para outro está diretamente relacionada a um conhecimento anterior. A autora assevera que o tempo em que o aprendiz permanece em um nível é variável e a criança pode passar por avanços e recuos durante seu processo de construção da escrita (SILVA apud SANTOS, ROMUALDO e RITTER, 2010, p. 39).

Nas palavras da autora, a criança adquire novos conhecimentos de acordo com os níveis que ela alcança. Geralmente as crianças que estão na fase pré-silábica apresentam os seguintes conhecimentos: leitura global; não estabelece relação entre fala e escrita; produz escritas diferenciadas; algumas sabem escrever o nome e conhecer as cores, entre outros aspectos relevantes. As crianças com NEE podem não conseguir apresentar tantos pontos fundamentais, principalmente porque esse processo acontece de forma gradativa, sendo um passo muito importante para elas todos os pequenos ganhos apresentados a cada dia.

2.3 Possibilidades e avanços na Educação Infantil Inclusiva

De acordo com as mudanças que eventualmente estão acontecendo na educação, percebemos também as mudanças na área da inclusão, que conseqüentemente estão altamente amparados pela lei que atualmente revigora. Com isso, é preciso que as escolas estejam capacitadas para atender também essa clientela, portanto sabemos que a inclusão geralmente começa nas séries iniciais, que é o local onde os primeiros passos na educação estão se desenvolvendo. Entretanto, é possível acreditar nos avanços existentes na educação infantil enfrentados e vivenciados por toda a comunidade escolar, principalmente pelas professoras da sala de aula. Para Mitller:

A inclusão implica uma reforma radical nas escolas em termos de currículos, avaliação, pedagogia e formas de agrupamentos dos alunos nas atividades de sala de aula. Ela é baseada em um sistema de valores que faz com que todos se sintam bem-vindos e celebra a diversidade que tem a base o gênero, a nacionalidade, a raça, a linguagem de origem, o background social, o nível de aquisição educacional ou a deficiência. (MITLLER, 2003, p. 34).

A inclusão envolve uma série de fatores que precisam ser considerados no âmbito escolar para que realmente se torne uma ferramenta positiva e contribuinte no desempenho escolar da criança. Como afirmou o autor, não basta apenas incluí-los, mas mantê-los nesse processo de ensino aprendizagem desde o ensino infantil. No entanto, sabemos que o processo pedagógico está inteiramente ligado a ação de ensinar, em formar pessoas para atuar na sociedade, tanto como cidadãos honestos quanto participantes em algum fazer social, portanto esse desenvolvimento pessoal deve acontecer desde os primeiros anos de vida, o que envolve as séries iniciais.

Consta no livro do Ministério da Educação que:

O acesso à educação tem início na educação infantil, na qual se desenvolvem as bases necessárias para a construção do conhecimento e desenvolvimento global do aluno. Nessa etapa, o lúdico, o acesso às formas diferenciadas de comunicação, a riqueza de estímulos nos aspectos físicos, emocionais, cognitivos, psicomotores e sociais e a convivência com as diferenças favorecem as relações interpessoais, o respeito e a valorização da criança (BRASIL, 2010, p. 22).

A Educação Infantil é a base para o desenvolvimento positivo escolar na vida de qualquer sujeito, é o primeiro contato com o meio escolar, pelo qual todos os aspectos

físicos e psicológicos são desenvolvidos. As crianças aprendem brincando e interagindo uns com os outros e aprendem a conviver e respeitar o próximo, por isso é uma etapa escolar fundamental na vida de todo ser humano. Podemos ressaltar ainda o contato direto com os livros e histórias infantis, que são trabalhados bastante durante essa etapa escolar, no qual de início aprendem muitas vezes simplesmente a manuseá-los corretamente.

Mesmo antes da alfabetização, a criança já começa a ter contato direto com a leitura, apresentando suas primeiras compreensões sobre a leitura quando começa a decifrar os significados dos símbolos, ou seja, o significado das letras que estão sendo representadas nas escrituras. Isso seria fundamental também para crianças que possuem Necessidades Educacionais Especiais, pois dessa forma elas tem desde cedo o contato com a leitura, mesmo que ainda como ouvintes, bem como vendo, isto é, dependendo de sua deficiência. Entretanto, não podemos afirmar com total segurança se isso acontece nas famílias que tem crianças com algum tipo de NEE, pois sabemos que na maioria das vezes a própria família impede que determinados avanços de aprendizagem aconteçam. A família, por vezes, pode superproteger os filhos e ainda acreditar que são incapazes de aprender e se desenvolver positivamente, tanto pessoalmente quanto educacionalmente.

Em todas as etapas e modalidades da educação básica, “o atendimento educacional especializado é organizado para apoiar o desenvolvimento dos alunos, constituindo oferta obrigatória dos sistemas de ensino” (Brasil, 2010, p. 22).

A criança tida como “normal” é capaz de fazer uma leitura apenas olhando para as imagens impressas no livro, mesmo que ainda não frequente a escola, ela tem capacidade de compreender o que significado das imagens, e isso é uma forma de leitura. Isso se dá pelo fato de terem em casa o hábito de estarem sempre em contato com os livros, vendo seus pais lendo, ou ainda também por adquirirem incentivos dos pais ou responsáveis. A pesquisadora Zaccur (1999) chama nossa atenção quando deixa claro que:

É preciso lembrar que, ao ser introduzida na escola ao mundo da escrita, a criança já domina as habilidades de produção do texto oral: fala fluentemente sua língua, usa-a para narrar, perguntar, responder, pedir, ordenar... é preciso ainda lembrar que essa introdução ao mundo da escrita, na escola, não se caracteriza como um momento inaugural de entrada em um mundo desconhecido: embora ainda analfabeta. (ZACCUR, 1999, p. 69)

Para a autora, a criança não chega a escola como uma “folha em branco”, e que precisa ser “moldada”, ela já tem disposição de saber identificar o que é ler e o que é escrever. Sendo que, já participa dessas situações no seu convívio familiar, falando,

cantando, perguntando e respondendo em constantes momentos de interação com os outros. Consequentemente, as crianças com NEE também tem essa experiência em casa, pois convivem com outras pessoas sem deficiência. Nesse caso, o papel e dever da escola, é trabalhar com o objetivo de buscar aperfeiçoar cada vez mais essas habilidades da língua materna utilizada pela criança, a partir dessa percepção Ferreiro (1999), diz que:

É evidente que a criança não compartilha conosco, os adultos, o conhecimento de que a escrita é “linguagem escrita”. Isto é, não supõe que representa a linguagem ainda que se interprete como a expressão visual de significados diferenciados. [...] A criança espera que a escrita - como representada próxima, ainda que diferente, do desenho - conserve algumas das propriedades do objeto a que substitui. (FERREIRO, 1999, p. 274)

O que de fato mostra que a criança não consegue dominar ainda essas especificidades apresentadas pela escrita, mesmo que de certa forma ela já consiga diferenciar a escrita e a leitura, o que acaba sendo um dos problemas que possivelmente a criança se coloca. Dessa maneira, vemos o grande desafio que existe na escola em trabalhar de forma positiva e significativa com as crianças que apresentam Necessidades Educacionais Especiais, sendo capazes de incluir e desenvolver o aprendizado nelas a partir de suas práticas escolares, mesmo que essas aprendam de forma personalizada. Para acrescentar, sabemos que a escola é fundamental nesse processo de desenvolvimento, e nesse caso a autora esclarece que:

A escola, como espaço coletivo, educacional, constitui-se em *locus* privilegiado de convívio solidário entre pessoas diferentes. Deve promover ações que levem seus integrantes a desencadear um ponto de ruptura do individualismo; gerando a prática de atividades que transcendem a educação informativa. (KELMAN, 2010, p. 30).

No livro *Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar*, as autoras explanam que a escola por meio de suas atividades escolares, como jogos e brincadeiras, é capaz de fazer uma aproximação entre as pessoas. Sabemos que a escola é uma instituição em proporciona a troca e interação de ambas as partes possibilitando assim uma troca de conhecimentos e respeitos mútuos. Ainda nesse contexto, o texto fala que “em algumas escolas, está no imaginário do professor que ele precisa curar a deficiência, como se ela fosse doença. Esquece que deficiência é uma condição e que é possível ter deficiência e ser perfeitamente saudável” (pág. 31).

A escola por sua vez tem a função de transmitir conhecimentos e conceitos tanto do cotidiano quanto de experiências vividas e ou relatadas pelos mais velhos, dessa forma, torna-se um ambiente de desenvolvimentos de valores e opiniões, dentre outros aspectos. Nessa linha de pensamento Vigotski definiu a escola “como o lugar onde os conceitos cotidianos se transformam em conceitos científicos”. Os valores pessoais são adquiridos no seio familiar e lavados para o âmbito escolar pelo qual é desenvolvido e melhor aprofundado para podermos levar por toda vida.

Costa (2010) afirma que,

A educação inclusiva impõe uma nova mudança na concepção de ensino e aprendizagem, na transformação de como a sociedade passa a ver as pessoas com necessidades educacionais especiais. Não é apenas colocar o aluno na escola regular, mas oportunizar o acesso e a permanência do mesmo na escola. (COSTA, 2010, p. 81)

Dessa maneira a autora retrata da permanência da criança na escola, sendo preciso priorizar para que isso realmente aconteça e seja visto socialmente, as oportunidades de participação nesse contexto escolar, o que de fato remete as mudanças pelo qual a escola precisa adquirir.

2.4 Formação saber e prática do pedagogo e a Educação Especial infantil

Para que se tenha um bom resultado na área da inclusão, seja ela no ensino infantil ou em outra modalidade, é necessário que haja mudanças não apenas na estrutura da escola, mas ainda e principalmente nas práticas do professor atuante, pois para ele será um grande desafio, pois encontrará uma situação que requer muitos cuidados e dedicação, em querer ajudar uma criança inclusiva a se desenvolver no âmbito escolar. Sobretudo ainda vemos que nem todos estão preparados para lidar com essa clientela.

É fundamental que as escolas ofereçam materiais pedagógicos capazes de atender todas as necessidades educacionais dos alunos inclusivos, para que assim facilitar a atuação dos profissionais em exercício. Costa (2010, p. 81 e 82) chama nossa atenção quando afirma seguramente que, “vivenciar de fato uma proposta inclusiva significa repensar como os professores serão capacitados, na reestruturação e dinamismo das práticas pedagógicas, no planejamento e no apoio pedagógico que cada escola deve oferecer e promover para atender sua equipe docente”.

Vale ressaltar ainda nesse lócus de entendimento que, se houver uma parceria entre professor regente e professor da sala de atendimento especial, esses alunos alcançarão mais êxito com uma maior interação entre ambas as partes professor/aluno.

É possível acreditar que a maior dificuldade encontrada pelos alunos com deficiência é o difícil acesso à escola, além disso, os professores precisam de uma formação continuada específica para saber lidar com a educação inclusiva pelo qual requer muitos cuidados e dedicação. Não podemos deixar de fora a participação da família ou responsáveis pela criança, pois esses apresentam um fator primordial para o desempenho pessoal e escolar da criança, principalmente porque é uma pessoa importante para o mesmo, oferecendo proteção, dedicação, afeto e todo aparato fundamental na vida de qualquer ser humano. Dessa forma, na escola não é diferente, os responsáveis precisam se comprometer em querer buscar o desenvolvimento para aquele que precisa ser inserido no meio escolar e social. É preciso que haja uma participação e dedicação dos pais no que se refere ao meio escolar.

Ademais, Oliveira (2008) afirma que,

Rousseau defendia uma educação não orientada pelos adultos, mas que fosse resultado do livre exercício das capacidades infantis e enfatizasse não o que a criança tem permissão para saber, mas o que é capaz de saber. [...] ressaltava que a criança deveria aprender por meio da experiência, de atividades práticas, da observação, na livre movimentação, de formas diferentes de contato com a realidade (OLIVEIRA, 2008, p. 65).

Para o autor, a criança aprende também na observação e em contato com a realidade, nesse caso podemos lembrar que muitas vezes a criança pode pegar um lápis e imaginar que é um avião, e dessa forma ela também está adquirindo aprendizado. Da mesma forma, pode acontecer com a criança que apresenta alguma dificuldade educacional, ela pode imaginar várias coisas em um mundo que para ela existe e que sem dúvidas pode ser interessante. A imaginação origina-se da própria criança, dessa forma acreditamos que a criança com NEE também apresenta imaginação, onde as coisas criam outras formas e cores, os objetos ganham outro sentido, e isso também é uma fase apresentada pelo seu desenvolvimento.

Antunes afirma que, de acordo com as DCN's (Diretrizes Curriculares Nacionais), o pedagogo deve ser formado para atuar de acordo com a existência da diferença humana e precisa saber lidar com as diversidades existentes no meio escolar. Portanto e conforme explicitado nos artigos 5º e 10º deste documento que apontam para um profissional capaz de:

(...) V - reconhecer e respeitar as manifestações e necessidades físicas, cognitivas, emocionais, afetivas dos educandos nas suas relações individuais e coletivas; (...).

(...) X - demonstrar consciência da diversidade, respeitando as diferenças de natureza ambiental-ecológica, ético-racial, de gêneros, faixas geracionais, classes sociais, religiões, necessidades especiais, escolhas sexuais, entre outras (...) (BRASIL, 2006).

O educador deve compreender e saber lidar com as diferentes situações que envolvem o meio escolar, sabendo trabalhar com ética e possibilitando que todas as diferenças sejam respeitadas, para que assim o seu local de trabalho se torne um ambiente acolhedor e promissor de valores e igualdades. Bueno (1999) enfatiza que:

Não basta incluir nos currículos de formação de professores “conteúdos e disciplinas que permitam uma capacitação básica para o atendimento de portadores de necessidades especiais” (Brasil/MEC, p. 59), pois a eterna indefinição sobre a sua formação, aliada a fatores macrossociais e de políticas educacionais, tem produzido professores com baixa qualidade profissional. (p. 18)

É preciso não apenas incluir nos currículos de formação dos professores, mas ainda permitir que essa qualificação e capacitação seja vista de forma positiva no meio escolar, se tornando educadores capazes de lidar com as demandas que a educação impõe. Nesse momento, entra o papel do governo e representantes da educação, no qual precisam traçar estratégias para criar meios que forneçam a qualificação e preparação do professor, como trazer recursos adequados para trabalhar nas salas de aulas. Dessa forma, oferecendo mais suporte e apoio para as escolas que trabalham com a inclusão de crianças com NEE.

Consta nas escrituras do Ministério da Educação que:

Para atuar na educação especial, o professor deve ter como base da sua formação, inicial e continuada, conhecimentos gerais para o exercício da docência e conhecimentos específicos da área. Essa formação possibilita a sua atuação no atendimento educacional especializado, aprofunda o caráter interativo e interdisciplinar da atuação nas salas comuns do ensino regular (...) (BRASIL, 2010, p. 24).

A partir desse importante relato percebe-se a importância de que os educadores precisam apresentar uma formação continuada, mas que isso não se revela como única e acabada, e sim como um complemento para sua atuação na sala de aula com os alunos com NEE. Em se tratando que os conhecimentos trazidos pelo docente aumentam ainda mais a

sua capacidade de saber enfrentar com as mais variadas situações encontradas na sala de aula.

É possível acreditar que essa realidade não remete ainda a realidade apresentada em nossas escolas, pois o que muitas vezes presenciamos, é falta de capacitação desses profissionais atuantes, que por essa razão acabam tendo dificuldades em saber lidar com a situação vivenciada na escola, que é trabalhar com a inclusão no ensino infantil. Essa falta de preparação acarreta vários danos para o desenvolvimento escolar dos educandos, pois o professor tem um importante papel durante esse processo de aprendizagem da criança seja ela com ou sem deficiência. O ensino infantil é a base de todo o andamento escolar e se apresenta como um grande desafio na vida do educador, pois om professor é quem deve procurar meios adequados para trabalhar a leitura e escrita das crianças com NEE.

Ainda sobre o educador, tanto se ouve falar sobre o professor inclusivo, no qual esse precisa se adequar de acordo com as necessidades que irá trabalhar em sala de aula, mas identificamos que isso já acontece no ensino por parte de alguns profissionais, e que de qualquer maneira a educação inclusiva precisa de mais atenção. Principalmente porque os alunos apresentam mais dificuldades tanto físicas, intelectuais e/ou sensoriais. A prática e o saber do educador são fundamentais para que se haja uma boa interação e inclusão entre esses alunos no âmbito escolar.

O atendimento em creches e pré-escolas inclusivas propõe um novo fazer pedagógico: “diferentes dinâmicas e estratégias, complementação, adequação e suplementação curricular quando necessário” como expõe Aranha. Estas medidas são fundamentais para o crescimento das crianças. Todos ganham em desenvolvimento e consciência social, já que a convivência na diversidade é uma ponte para o desenvolvimento dos que apresentam algum atraso. Ainda nesse contexto Aranha (2004) afirma que:

Escola inclusiva é aquela que garante a qualidade de ensino educacional a cada um de seus alunos, reconhecendo e respeitando a diversidade e respondendo a cada um de acordo com suas potencialidades e necessidades. Assim, uma escola somente poderá ser considerada inclusiva quando estiver organizada para favorecer a cada aluno, independentemente de etnia, sexo, idade, deficiência, condição social ou qualquer outra situação. Um ensino significativo é aquele que garante o acesso ao conjunto sistematizado de conhecimentos como recursos a serem mobilizados. (ARANHA, 2004, p. 7)

Entretanto, para que a escola seja inclusiva não basta apenas ter matriculadas as crianças com alguma NEE, mas sim e além de tudo compreensão por parte da escola,

acessibilidade, recursos pedagógicos entre tantos outros aspectos relevantes, como afirma a autora referenciada. No entanto, sabemos que as crianças com Necessidades Educacionais Especiais têm o direito a educação oferecida em creches e pré-escolas e também ao Atendimento Educacional Especializado (AEE), que pode ser realizado, preferencialmente, na própria escola, como afirma o Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2004.

A educação é sem dúvidas o processo que envolve a construção de autonomia e identidade dos cidadãos, no qual esses serão conhecedores de seus direitos e deveres. É por meio da educação as pessoas ingressam em outras áreas profissionais e ações sociais o que se torna um meio propício para o crescimento de uma geração futura. Essa preparação deixa o cidadão pronto e qualificado para atuar positivamente no meio social, e na atualidade os meios sociais nos mostram a presença de pessoas com NEE incluídos nesses espaços.

Fávero (2007, p. 30) esclarece que “o acesso à educação em qualquer nível de ensino é um direito inquestionável do ser humano”. E mais:

Todas as pessoas com deficiência têm o direito de frequentar a educação escolar em qualquer um dos seus níveis. Mas é importante destacar que o Ensino Fundamental é a única etapa considerada obrigatória pela Constituição Federal e, por isso, não pode ser jamais substituído (FÁVERO, 2007, p. 30).

Fica claro que, a educação fundamental sendo de caráter obrigatório, portanto é importante ressaltar que a educação infantil é a base para todo esse processo, pois ela é a primeira etapa da escolarização do ser humano, por isso acredita-se que precisa ser bem desenvolvida na criança com ou sem Necessidades Educacionais Especiais. Ressaltando que, a escola precisa passar por mudanças e adaptações precisas, bem como acessibilidade, condições de trafegabilidade para cadeirantes, recursos pedagógicos e a comunicação que possibilitam a valorização e participação dos alunos com NEE no meio escolar, como esclarece nos documentos apresentados pelo Ministério da Educação.

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

- ✓ Analisar a trajetória do processo de alfabetização a partir dos estudos desenvolvidos em duas escolas de Educação Infantil.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Verificar como é trabalhada a alfabetização escolar com os desafios a serem enfrentados na Educação Infantil.
- ✓ Identificar dificuldades e avanços frente ao processo de inclusão na Alfabetização e Letramento da Educação Infantil de duas escolas municipal de Cruzeiro do Sul/Acre.
- ✓ Conhecer quais são os melhores métodos utilizados pelos professores para desenvolver a leitura na criança com Necessidades Educacionais Especiais.

4 METODOLOGIA

4.1 Fundamentação Teórica da Metodologia

A opção pela pesquisa é de orientação qualitativa, em função de que esse tipo de investigação é direcionado para a ordem de descoberta e compreensão do fenômeno pesquisado, podendo trazer significativas contribuições, tanto em nível teórico quanto em nível da prática educacional. Godoy (1995, p. 58) reflete que, “a pesquisa qualitativa considera o ambiente como fonte direta dos dados e o pesquisador como a tecla principal. O processo é o foco fundamental de abordagem e não o efeito, ou seja, o resultado obtido”. Esse tipo de pesquisa não prioriza enumerar os dados obtidos, mas sim descrever sobre pessoas ou lugares pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, a fim de compreender os acontecimentos segundo a perspectiva do sujeito.

Devido ao interesse em realizar uma análise aprofundada, optamos pelo estudo de caso como estratégia de pesquisa. Adotando a abordagem narrativa descritiva sobre a Alfabetização e Letramento de crianças com Necessidades Educacionais Especiais respectivamente em duas escolas localizadas na zona urbana da cidade de Cruzeiro do Sul.

Segundo Turato, “o método qualitativo não tem o propósito de buscar estudar fenômenos em si, mas compreender seu significado individual ou coletivo para a vida dos indivíduos. [...] O pesquisador está interessado em buscar o significado dos fenômenos e o que eles representam”. (TURATO, apud TEPERINO, p. 39, 2005),

É de conhecimento geral que o sucesso de toda pesquisa depende diretamente da atenção que é dada ao enfoque exploratório. Este é o “momento de especificar as questões ou pontos críticos, de estabelecer os contatos iniciais para a entrada em campos, de localizar os informantes e as fontes de dados necessários para o estudo”. (LUDCK, MENGA, ANDRÉ, MARLI, 1986, p. 22). Nesse momento é importante ressaltar que, o pesquisador poderá utilizar uma variedade de dados coletados em diferentes momentos por meio de vários tipos e fontes de informações coletadas.

4.2 Contexto de Pesquisa

A pesquisa foi realizada em duas escolas localizadas na cidade de Cruzeiro do Sul/Acre.

4.3 Participantes

Os sujeitos dessa pesquisa foram os professores na totalidade de quatro participantes, que trabalham com crianças que apresentam Necessidades Educacionais Especiais e que fazem parte de turmas em processo de alfabetização. Foi importante saber o que pensam os profissionais, legitimamente posicionados para conduzir o processo de alfabetização das crianças incluídas a partir das dificuldades enfrentadas, no intuito de compreender as dimensões institucionais e curriculares que influenciam a construção de uma concepção a respeito dessas práticas e saberes. Especificamente relacionado ao papel das interações sociais e discursivas no desenvolvimento dos processos de ensino e de aprendizagem na Alfabetização e Letramento das crianças com Necessidades Educacionais Especiais.

Com o intuito de preservar a identidade dos professores, nomearemos os mesmos como, professor A, B, C e D. Importante enfatizar que a observação foi realizada somente na sala da professora B, por motivos que serão descritos no espaço reservado a resultados e discussões. A professora A optou por não responder ao questionário escrito, preferindo responder de forma verbal devido à falta de tempo, mas ainda assim o questionário foi apresentado com todas as questões digitalizadas e em seguida assinado pela docente que demonstrou muito interesse em contar o seu relato para o enriquecimento dessa pesquisa.

Relatamos que todos os professores preencheram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

4.4 Materiais

Os materiais utilizados foram lápis e papel para registro das observações e as folhas do questionário (Anexo A).

4.5 Instrumentos de Construção dos Dados

Para desenvolvimento da pesquisa optou-se por investigar como são trabalhadas as atividades desenvolvidas pelos professores e se esses conhecimentos são significativos para o aprendizado dos alunos nas salas de aulas, colocando o desenvolvimento escolar das crianças em primeiro lugar. Além do mais, foi realizada a observação direta não

participante, onde o observador é um mero espectador, não influenciando o grupo observado.

Para a análise de conteúdo contamos com a fundamentação e contribuição de alguns autores como, Franco (2005) e Bardin (2004). Franco (2005, p. 13) salienta que “o ponto de partida da Análise de Conteúdo é a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita) ou diretamente provocada”. Segundo o autor (2005, p. 20) é “um procedimento de pesquisa que se situa em um delineamento mais amplo da teoria da comunicação e tem como ponto de partida a mensagem”. Nesse sentido, Bardin (2004) concorda quando diz que, “a análise de conteúdo pode ser considerada como um conjunto de técnicas de análises de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens [...]”. (BARDIN, apud, FRANCO, 2005, p. 20).

Assim, para esse tipo de pesquisa qualitativa a entrevista semiestruturada ou o questionário, é um dos importantes meios de investigar e de realizar a coleta de dados. Dessa forma, como instrumento para a coleta de dados, foi elaborado um questionário contendo sete questões, com o propósito de obter respostas fieis sobre suas práticas e dificuldades apresentadas no momento da alfabetização dessas crianças, e ainda a realização da análise das respostas obtidas pelos professores das escolas.

O questionário foi elaborado exclusivamente para esta pesquisa e criado juntamente com a orientadora desta pesquisa. Michaliszyn (2008) relata que, “no questionário, é o próprio pesquisado quem preenche o instrumento de investigação”.

4.6 Procedimentos de Construção de Dados

Dois participantes (professoras A e B) da pesquisa foram escolhidos por trabalharem na mesma escola da autora, enquanto os outros participantes (professoras C e D) da outra escola, foram indicação de uma colega da autora. Enfatizamos que a pesquisadora foi bem recebida no momento das atividades de observação e questionário, quando foi identificada plena disponibilidade dos participantes em colaborar com a efetivação da pesquisa. Enfatizamos que outras escolas foram procuradas, porém diversos fatores impossibilitaram a realização da pesquisa nesses espaços.

4.7 Procedimentos de Análise de Dados

Perpetramos igualmente a análise das respostas obtidas no questionário respondidos pelos professores, para que dessa forma pudéssemos obter um parecer a partir dessas análises, e que teoricamente estão fundamentadas com os autores. Lakatos (2006, p. 27) confirma que analisar “significa estudar, decompor, interpretar o exame sistemático dos elementos, para efetuar um estudo mais completo”.

Nesse estudo a atenção foi voltada nomeadamente para uma situação de aprendizado, examinada a partir de um determinado grupo de alunos com NEE. Também conhecemos a importância e significação dos cuidados e atenção que o professor tem com os alunos que estão no processo de alfabetização, buscando levar em consideração os níveis de desenvolvimento apresentados pelas crianças especiais. Foram elaboradas sete categorias de análise, descritas a seguir:

Primeira categoria: formação dos professores

Segunda categoria: tempo de atuação na docência e na Educação Especial

Terceira categoria: quantitativo de alunos

Quarta categoria: método de alfabetização

Quinta categoria: dificuldades enfrentadas

Sexta categoria: participação dos pais no processo

Sétima categoria: recursos pedagógicos utilizados

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse item serão abordados os resultados das análises elaboradas por meio das atividades de observação realizadas na sala de aula de uma das duas escolas de ensino infantil do município. Pelo qual discorreremos primeiramente sobre as observações das aulas, e por fim a análise do questionário que foi aplicado às quatro professoras das duas escolas. É preciso enfatizar que infelizmente não foi possível observar as aulas em todas as salas previstas, devido ao tempo estabelecido para a entrega da coleta de dados, sem a possibilidade para realizar em outro momento. Por essa razão as aulas observadas foram apenas de algumas salas da professora nomeada de professora B.

5.1 Observação das aulas

Nesse primeiro momento será apresentada a análise dos dados coletados através das observações realizadas das aulas, quando procuramos observar as práticas, métodos pelas professoras utilizados e a ludicidade trabalhada em sala de aula no decorrer das atividades, e ainda como acontece a participação e interação do aluno com Necessidade Educacional Especial.

Foi realizada a observação da aula em uma Escola Municipal do Ensino Infantil no Município de Cruzeiro do Sul/Acre. A escola recebe uma clientela bastante variada, atendendo crianças de todos os níveis socioculturais, visto que sua clientela é oriunda de mutirões circunvizinhos e da comunidade local, sendo os mesmos filhos e parentes de funcionários públicos, diaristas, autônomos e outros. Essas informações foram levantadas por meio do histórico da escola.

Para que a identidade da educadora seja mantida em sigilo, iremos classificá-la de professora B. Ela acompanha uma criança com Necessidade Educacional Especial. Tive o privilégio de observar algumas aulas dessa professora e foi possível notar o tamanho da sua dedicação em querer ajudar essa criança. Sua atenção é enorme com a menina, a mesma consegue dar atenção a todas as crianças sem esquecer a aluna que também precisa dessa atenção e de carinho.

A interação da menina com a professora, os colegas e no contexto escolar trabalhado pela professora é positiva, pois todos fazem as mesmas atividades, proporcionando as mesmas oportunidades e participação durante as aulas. A menina

acompanha a aula assiduamente e segundo relatos da professora ela raramente falta às aulas, o que ajuda bastante no processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança com deficiência, porém algumas vezes a própria família impede que a criança participe mais ativamente das atividades escolares.

Em outros termos, a criança é capaz de aprender interagindo com outra pessoa que pode ser também o professor, aquele que está mediando o conhecimento para os alunos, como foi apresentado nessa análise, em que os alunos estão aprendendo novos costumes, tanto de repartir as coisas como de respeitar o próximo. Vygotsky (2006) admite que,

Aprendizagem não é, em si mesma, desenvolvimento, mas uma correta organização da aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental, ativa todo um grupo de processos de desenvolvimento, e esta ativação não poderia produzir-se sem a aprendizagem (VYGOTSKY, 2006, p. 115).

A menina canta as músicas infantis e em alguns momentos faz até os gestos. Uma das músicas que mais gostava de ouvir e que pedia todos os dias para a sua professora cantar era da cantora Xuxa, a música da “Bonequinha”. Ela demonstrava em todo o momento bastante confiança na professora, que tinha um grande cuidado na criança, assim os Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (1998) encontrado no livro Brasil Ministério da Educação e do Desporto nos fala que,

Cuidar é preciso antes de tudo estar comprometido com o outro, sendo solidário com suas necessidades, e isso depende da construção de um vínculo entre quem cuida e quem é cuidado, destacando as necessidades das crianças, que quando observadas, ouvidas e respeitadas, podem dar pistas importantes sobre a qualidade do que estão recebendo (PCN, 1998, p. 25).

Entretanto, cuidar requer além de tudo compromisso entre as pessoas em querer que o outro se sinta bem, nesse caso o simples ato de ouvir e respeitar as necessidades das crianças é uma forma de cuidar, no qual permite que a criança se sinta protegida. Em relação as crianças com NEE esses cuidados são dobrados, pois depende muito do tipo de dificuldade apresentada, por exemplo uma criança cega precisa de cuidados específicos para não se machucar e agredir a sua identidade física. Aquino (1996) observa:

A relação professor-aluno é muito importante, a ponto de estabelecer posicionamentos pessoais em relação à metodologia, à avaliação e aos conteúdos. Se a relação entre ambos for positiva, a probabilidade de um maior aprendizado aumenta. A força da relação professor-aluno é significativa e acaba produzindo resultados variados nos indivíduos (AQUINO, 1996, p. 34).

Contudo, no momento das atividades de pintura ou escrita, a aluna sempre produzia um som na boca como, por exemplo, “HUMMMMMM” que se repetia até a conclusão de toda a atividade. Mesmo que ela não conseguisse finalizar as atividades, fazia

sempre com bastante atenção e capricho, emitindo o mesmo som sem se cansar. Percebi que a docente sempre cuidadosamente dizia para a menina que ela estava de parabéns, ou seja, incentivando a menina a buscar cada vez mais melhorar a sua coordenação motora entre outros aspectos de aprendizagem, e era assim com todos os demais alunos.

É muito importante que o professor tenha esse cuidado em incentivar sempre os seus alunos, para que ele perceba que está aprendendo e que pode fazer sempre o melhor. A criança conhecia as cores, os números até nove e algumas letras do alfabeto, inclusive as vogais e a letra inicial do seu nome. É um grande avanço para a vida escolar da criança na educação infantil, principalmente nas crianças com NEE que aprendem gradativamente.

No segundo dia de observação depois de toda rotina da escola ser trabalhada, no momento da aula de linguagem, a professora pediu que uma criança mostrasse no alfabeto colado na parede da sala a letra que começava o nome de um coleguinha, que começava com a letra “D” e a menina com deficiência imediatamente se levantou e disse “*eu sei, eu sei*”, e a docente pediu que ela fosse mostrar no alfabeto. Isso me chamou a atenção, pois é prova de que realmente a criança está conseguindo aprender com a metodologia que a educadora utiliza. Sem dúvidas, é correto afirmar que o seu ensino infantil está sendo muito bem desenvolvido pela professora regente. Foi possível ver esse comprometimento em suas aulas, pois suas atividades já estavam todas preparadas faltando apenas a execução feita pelos alunos.

No momento das brincadeiras a menina brincava juntamente com as outras crianças e sempre nos comandos e cuidados da professora, quando ela não conseguia, por exemplo, arrumar o brinquedo, pedia logo ajuda da sua professora, quando era possível notar uma grande confiança que a menina apresentava na sua professora. É muito importante que haja essa confiança entre professor e alunos. Por meio dessa análise entendemos que a criança com NEE dessa sala aos poucos está apresentando desenvolvimentos significativos e contribuintes para o seu processo de construção de conhecimento escolar, e que as atitudes e ações da docente estão trazendo grandes benefícios para essa construção, dando sempre mais um passo para a alfabetização escolar da criança.

5.2 Discussões a partir do questionário aplicado

No dia 13 de outubro de 2015 foi realizada uma conversa com a professora que iremos identificá-la por professora. A. Ela já trabalhou e ainda trabalha com crianças que apresentam Necessidades Educacionais Especiais, mas a mesma preferiu relatar uma conversa por demonstrar que não tinha tempo disponível para responder ao questionário aplicado. Contou que trabalhou com uma criança autista, na qual chamou muito a sua atenção, pois muito pode aprender com a menina, disse ainda que nesse período não tinha nenhuma experiência na situação vivenciada.

Abaixo apresentaremos as categorias de análise levantadas:

Primeira categoria: formação dos professores

Para iniciar a pesquisa empírica, tivemos o intento de saber qual a formação das docentes e se participam ou já participaram de alguma formação continuada, e por meio dessa questão podemos perceber que as docentes estão capacitadas para trabalhar na área da alfabetização, pois a profa. A profa. A, relatou que há 17 anos trabalha com a alfabetização, e é formada no Magistério, esclareceu ainda que o curso de Pedagogia veio para acrescentar, a mesma participou de algumas formações continuadas, mas não na área da inclusão.

Segundo a profa. B: *“sou formada em Licenciatura Plena em Pedagogia, com Especialização em Pedagogia Gestora. Já participei de várias formações como: PCNs nas áreas por disciplinas e agora do PENAIC”*.

Profa. C: *“Sou professora em Magistério licenciada em Língua Portuguesa e pós-graduada em Planejamento e Gestão Escolar na Educação Básica, atuo na área da alfabetização há 15 anos”*.

A profa. D relatou ser formada em Pedagogia e que não participou ainda de nenhuma formação continuada e tem em sala de aula 20 anos de experiência como alfabetizadora.

Em se tratando dessa questão, sabemos que é necessário que o educador seja um profissional qualificado, formado no curso de Pedagogia, pois é o único curso que ensina os meios e as técnicas adequadas para serem utilizadas no processo de alfabetização da

criança. No caso dessas docentes, elas estão e são capacitadas para trabalhar com a alfabetização, desde sua formação, quanto à prática que ambas já vem exercendo a cada dia. Nessa situação Silva (1992) descreve que,

O problema de despreparo do professor propõe-se como um paradoxo: são raras as faculdades ou universidades brasileiras que oferecem cursos na área de Psicologia e ou Metodologia da Leitura, o assunto parece se resumir aos diferentes métodos de alfabetização em que são treinados os professores das primeiras séries do 1º grau (SILVA, 1992, p. 34).

O autor concorda que a preparação dos profissionais é fundamental para o desempenho escolar dos alunos que estão em processo de alfabetização, pois esses professores deverão estar capacitados para lidar com essa situação, sabendo tomar os devidos cuidados que eventualmente transcorrem durante o processo de escolarização.

Segunda categoria: tempo de atuação na docência e na Educação Especial

Para essa questão a profa. A, relatou que há 17 anos trabalha com a alfabetização, e que participou de algumas formações continuadas, mas não na área da inclusão.

A profa. B possui 27 anos de alfabetização e busca se capacitar nos ensinamentos e conhecimentos que remetem sobre a inclusão, pelo qual está encontrando no curso que esta fazendo no PENAIC.

Nota-se que essas já adquirem certa experiência para lidar com as crianças, contudo relataram que com crianças que apresentam NEE, a experiência não é tão grande.

Terceira categoria: quantitativo de alunos

Com relação a quantidade de alunos que frequentam as salas de aula, a profa. A respondeu que *“25 além de ser preciso cuidar dessa quantidade de alunos, com a menina autista os cuidados foram dobrados”*. *“Tenho uma turma composta por 21 alunos”*. Disse a profa. B.

A terceira professora disse que possui 31 alunos. E a professora “D” disse que tem 23 alunos na sala de aula. Nesse ponto percebemos que uma professora está com um número excessivo de alunos dentro da sala de aula, sendo que dentre eles há a presença de uma criança com NEE.

Nesse caso podemos imaginar o tamanho da preocupação dessa docente em trabalhar com uma quantidade considerada alta de alunos e a presença de uma criança com NEE.

Quarta categoria: método de alfabetização

Além disso, os métodos que viabilizam a alfabetização, utilizados pelas educadoras para ajudar no processo de desenvolvimento das crianças com NEE merece ter destaque na pesquisa, pois por meio deles as crianças avançam na aprendizagem. Também relataram o motivo que levou a escolha de determinados métodos:

“Os métodos utilizados na sala eram iguais para todas as crianças, porém enfatizo que era preciso sempre explicar novamente e olhando no olho da criança autista para que ela pudesse vir a compreender o que iria fazer naquele momento. Pois eu buscava tirar a criança do seu mundo, e para isso era preciso envolvê-la no mundo das outras crianças, sendo preciso ter uma maior aproximação da criança. Descobri que era preciso ter uma desenvoltura e paciência para saber lidar com a situação. Mesmo assim, no mês de julho percebi um grande avanço da criança nas atividades trabalhadas, pois ela já começava a reagir aos meus comandos, cantava baixinho, não fixava mais o seu olhar para o nada, e respondia quando eu pedia para ela alguma coisa ou explicava o que iríamos fazer.”
(Profa. A.

A mesma professora disse que um dia estava trabalhando os nomes das crianças e questionava com qual letra iniciava, quando de repente a menina começou a falar a letra que correspondia ao nome trabalhado, por exemplo, o “A de ANTÔNIO”. Para ela foi um grande avanço da criança autista, pelo qual a deixou muito emocionada, pois pensava que ela não iria apresentar nenhum desenvolvimento positivo. A docente lembrou-se do “estalo” que segundo os autores a criança sempre apresenta no momento de seu desenvolvimento escolar, ou seja, quando ela realmente começa a aprender e demonstrar o que já assimilou.

Ademais, Oliveira (2008) afirma que:

Rousseau defendia uma educação não orientada pelos adultos, mas que fosse resultado do livre exercício das capacidades infantis e enfatizasse não o que a criança tem permissão para saber, mas o que é capaz de saber. [...] ressaltava que a criança deveria aprender por meio da experiência, de atividades práticas, da observação, na livre movimentação, de formas diferentes de contato com a realidade (OLIVEIRA, 2008, p. 65).

A profa. A fala que demonstrava carinho por todas as crianças e também com a menina autista e que todos os dias ela abraçava e beijava seu rosto, mas somente a partir de junho é que a menina começou a abraçá-la também. Podemos dizer que durante esse período a discente começou a ter avanços e mostrar seu desenvolvimento escolar.

A profa. B respondeu que, *“enquanto professora, procuro encontrar meios para ensinar todos os alunos, independente de suas necessidades. No entanto, me replanejo mediante as dificuldades que eles apresentam. Executo um trabalho com recursos visuais, material concreto, jogos e músicas para exploração dos conteúdos, despertando um maior interesse das crianças. Planejamento, recursos, incentivos e avaliação, são algumas das ferramentas fundamentais para oportunizar uma melhor aprendizagem desses alunos e dos demais”*.

A docente C contou que: *“utilizo atividade diferenciada de acordo com a necessidade da criança. Utilizo jogos, pinturas, cartazes com gravuras atividades de coordenação motora. Trabalho com esses métodos porque o meu objetivo é fazer com que a criança desenvolva a sua capacidade de aprendizagem”*.

Prof. D: *“O método que utilizo é igual aos demais, apenas uso materiais didáticos que chamem mais a atenção desses alunos: com desenhos, vídeos, música, dentre outros”*.

Com esses relatos percebemos a diferença existente entre os métodos utilizados das professoras regentes, pois cada uma delas procura usar o método que pode ajudar seu aluno com NEE a se desenvolver no processo de ensino aprendizagem. São meios para ajudar todas as crianças da sala de aula, o que é muito importante para o papel do professor. Mesmo com os métodos diferenciados, podemos dizer que as docentes se planejam para que as atividades escolares proporcionem pontos positivos para a vida escolar de seus alunos. Foi possível ter essa percepção através das respostas precisas e concisas, apresentando sempre segurança e sem medo de expor suas práticas, e ainda no planejamento no momento de escolher as atividades certas para trabalhar, pelo qual todas apresentam o mesmo objetivo que é ensinar os alunos.

Quinta categoria: dificuldades enfrentadas

Sabemos que os profissionais que atuam nas escolas encontram dificuldades para alfabetizar crianças com Necessidades Educacionais Especiais, ou pelo menos ajudar a ter um maior desempenho no ensino aprendizado dessas crianças, pois não é algo fácil principalmente porque não depende apenas dos educadores, mas da comunidade escolar, da ajuda dos governantes e em especial a própria família. Por essa razão as professoras exibiram que: *“Tive uma enorme dificuldade em trabalhar com a criança autista, pois até então nunca tinha passado por essa situação, não tive ajuda de nada, a escola no momento não se disponibilizava de recursos, pois estavam se adequando ainda a essa*

nova realidade escolar e precisei buscar na internet, meios e métodos que pudesse me ajudar a trabalhar com essa aluna. Minha preocupação era enorme, pois a cada dia a menina não apresentava interesse em nada, na verdade ela apenas olhava para uma direção e ali firmava toda a sua atenção, ou seja, olhando para o nada e sem nenhum tipo de reação, nem as brincadeiras conseguia envolvê-la. A menina era desligada de tudo, era preciso pegar ela e colocar nos cantos junto com os demais nos momentos das atividades e brincadeiras trabalhadas”. Profa. A.

Descreveu a profa. B que: *“a falta de apoio dos coordenadores e direção, a falta de preparação do professor para lidar e trabalhar com essas crianças numa sala inclusiva que dependendo da necessidade, muitas vezes nem tem intérprete ou cuidadora. A falta de apoio da família que pensa e acredita que seu filho é incapaz de aprender e que até esconde informações que poderiam colaborar para uma melhor atuação do professor objetivando um maior desenvolvimento da criança nos diversos aspectos”.*

Nesse contexto Silva (1992) relata:

O problema de despreparo do professor propõe-se como um paradoxo: são raras as faculdades ou universidades brasileiras que oferecem cursos na área de Psicologia e ou Metodologia da Leitura, o assunto parece se resumir aos diferentes métodos de alfabetização em que são treinados os professores das primeiras séries do 1º grau (SILVA, 1992, p. 34).

Nessa linha de pensamento, o autor concorda que a preparação dos professores é de fundamental importância para o desempenho escolar dos alunos na alfabetização, pois esses profissionais estarão capacitados para saber lidar com essa situação, sabendo tomar os devidos cuidados.

Para essa pergunta a profa. C relatou que: *“a principal dificuldade é que a escola não é capacitada para atender esses alunos da inclusão tendo em vista que na sala de aula tem outras crianças que necessitam de atenção e acompanhamento”.*

Prof. D: *“A principal dificuldade é a falta de capacitação, pois não fazemos nenhum curso para trabalhar com esses alunos. E também a escola não possui uma sala de atendimento a esses alunos, e nem materiais didáticos para eles”.*

Um dos fatores mais citados pelas docentes é a falta de apoio e os recursos adquiridos pela escola, e ainda a falta de capacitação dos mesmos. Nesse diálogo, é importante que as escolas estejam adaptadas para receber essas crianças e assim ajudá-las e inseri-las no contexto escolar, pois sabemos que sem essa mudança e com a falta de recursos a dificuldade acaba prejudicando bastante o processo. A falta de capacitação também contribui significativamente para que haja mais dificuldades dentro da sala de

aula, pois por meio dela o educador terá mais compreensão e entendimento para trabalhar com os alunos, com mais confiança e sabendo utilizar os métodos mais adequados para atender cada situação.

Entretanto, o professor precisa estar preparado para saber lidar com todas as questões que permeiam a alfabetização escolar, não esquecendo os recursos usados, tornando eficaz a utilização de livros com imagens e fazendo com que desperte o interesse dos alunos para que possam se envolver cada vez mais com a leitura, e a partir desse ponto começar a ensinar os primeiros passos para a alfabetização, apresentando as letras e os seus sons.

Sexta categoria: participação dos pais no processo

Apesar das dificuldades enfrentadas, perguntamos se elas acreditam que os pais poderiam contribuir com as crianças nesse processo de alfabetização, e o que eles poderiam fazer para ajudar nesse processo de desenvolvimento da criança com NEE.

“Os pais podem e devem ser grandes parceiros no processo de alfabetização das crianças. É através deles que iremos obter um conhecimento maior da criança, da família e até da comunidade em que a família está inserida”. Profa. B

Nesse contexto a resposta da profa. C foi a seguinte, *“Sim. Os pais deveriam acompanhar seus filhos em casa, ajudando de alguma forma e incentivando a criança nas atividades, com certeza o resultado será satisfatório”*.

Na resposta da profa. D a mesma destacou que, *“a presença da família é indispensável, pois o aluno que os pais acompanham tem um maior desempenho. Eles podem estar juntamente com os filhos dando continuidade as atividades trabalhadas em sala de aula”*.

Cortella (2006, p. 139) explana que “é notório que o apoio da família [...] é fator importante no acompanhamento das atividades escolares das crianças [...]”. Para um bom desempenho do professor em suas práticas é necessário ter também bons materiais pedagógicos que os auxiliem, dessa forma é fundamental nesse processo de aprendizagem a participação e apoio da própria família dos educandos, principalmente daqueles com NEE. Conseqüentemente ocorrerá uma constante interação entre professor, aluno e família. Nesse aspecto é interessante expor que:

O desenvolvimento da linguagem infantil é dependente da interação com o adulto. Desse modo, é importante que nos centros de educação Infantil as

crianças interajam umas com as outras e com o professor: conversem, brinquem, joguem, cantem. O conhecimento linguístico vai se construindo desde o nascimento, nas trocas dialógicas e partilhadas com o adulto (BRASIL, 2008, p. 29).

É fundamental que a criança viva em constante interação com os colegas e professor, pois assim existirá uma grande troca de conhecimentos, culturas, respeito e experiências já vivenciadas pelas crianças, pois sabemos que elas já trazem uma variedade de costumes e aprendizados do seu convívio familiar.

Sétima categoria: escola e recursos pedagógicos utilizados

Quais os materiais pedagógicos que você tem na escola para ajudar no processo de alfabetização das crianças com necessidades?

“A escola disponibilizava de muitos materiais pedagógicos, mas para trabalhar especificamente com a criança autista, esses materiais ainda não faziam parte dessa instituição, a mesma estava se adequando a essa realidade. Mas eu sempre utilizava os mesmos materiais com todos, cantava bastante e procurava trabalhar mais com o concreto, buscando mostrar para eles e permitir que todos pegassem e pudessem ver. As letras e números eu sempre permitia que eles segurassem e passassem o dedinho para perceber o formato de cada uma. Contudo eu sempre trazia a menina para o meu lado para que ela tivesse uma confiança em mim e percebesse que eu queria ajudá-la, e assim fui ganhando a sua confiança, pois no início ela demonstrava muito assustada”. Profa. A.

“A inclusão de alunos com necessidade especiais em classes regulares é uma exigência das políticas públicas em nosso país. No entanto, as escolas ainda estão desprovidas de recursos, equipamentos e pessoal qualificado para atender e trabalhar de fato as necessidades dessas crianças e até das demais. Os professores ainda têm que dar o jeitinho brasileiro de utilizar seu próprio recurso para comprar de materiais necessários a execução do trabalho em sala de aula. Os recursos destinados às instituições não suprem as necessidades. Temos na escola, livros de historinhas alguns jogos trazidos pelas crianças, cartazes, alfabetos e jogos didáticos confeccionados pelos professores, jogos de encaixe, TV, e vídeo que às vezes estão com problemas. Trabalhamos com os conteúdos sempre com músicas, brincadeiras e jogos, vídeos, pequenos textos e outros. Com esses alunos aprendemos e descobrimos novas formas de intermediar os conhecimentos. O

trabalho com ludicidade desperta mais interesse nas crianças, tem um tempo maior de atenção, oportunizando uma melhor aprendizagem”. Profa. B.

“Tenho jogos pedagógicos e gravuras”. Profa. C.

“Infelizmente a escola não disponibiliza materiais pedagógicos para trabalhar com esses alunos, nós professores confeccionamos nossos próprios materiais”. Profa. D.

Notamos que mesmo que a escola não apresente recursos pedagógicos, as docentes se preocupam em confeccionar seus próprios materiais, afim de que possam utilizá-los durante as atividades trabalhadas.

Oliveira (2008) defende que:

Bons recursos matérias e boa racionalização do tempo e do espaço escolar como garantia da boa “arte de ensinar”, e da ideia de que fosse dada á criança a oportunidade de aprender coisas dentro de um campo abrangente de conhecimentos. Matérias pedagógicas (quadro, modelos, etc.) e atividades diferentes (passeios, etc.) realizada com as crianças de acordo com suas idades, as auxiliam a desenvolver aprendizagens abstratas estimulando sua comunicação oral (OLIVEIRA, 2008, p. 6).

Cabe a ressalva de que, tudo que é utilizado dentro da sala de aula e bem trabalhado pelo professor serve como material propício e contribui para o satisfatório e adequado desenvolvimento escolar do aluno, como foi abordada pela autora.

Em vista de todos os aspectos trabalhados dentro da escola, como espaço, liberdade, interação, afetividade, entre outros, Ellen Key (1849-1926) especifica que,

O mais importante é a vida da criança, que está acima da família, da sociedade e do Estado. Isso exige que se conceda à criança a maior liberdade na educação, seguidas as leis da natureza e observado o desenvolvimento pessoal (KEY apud LUZURIAGA, 1983, p. 243).

Para a autora, a criança precisa de liberdade na educação que possibilite os movimentos, noções de espaço, entre outros aspectos, para que assim venha a ter o seu desenvolvendo particular, envolvendo tanto o psicológico, o social quanto o físico e sensorial de cada criança. Por essa razão Machado assume a perspectiva sócio interacionista, e propõe que o professor de educação infantil “seja capaz de organizar o espaço, o tempo, os materiais, os agrupamentos de crianças e propor atividades que promovam as interações de modo desafiador” (MACHADO, apud Educação Infantil, 2002).

Diante das discussões aqui realizadas, Vygotsky (2002) enfatiza o papel da linguagem e da aprendizagem no desenvolvimento da criança e sua questão principal de estudos é a conquista de conhecimentos pela interação do sujeito, no caso a criança, com o

meio domiciliar e escolar. Analisa que a presença do outro é importante desde os primeiros dias de vida de uma criança, uma vez que é pelo contato com o outro que elas aprendem e se desenvolvem. Segundo o autor o papel do professor é essencial para intermediar o nível de desenvolvimento real da criança, ou seja, aquilo que ela é capaz de fazer sozinha até sua área de desenvolvimento potencial, que se refere a capacidade de aprender com outra pessoa. Essa passagem é chamada de zona de desenvolvimento proximal, por isso deve ser mediado pelo professor.

Para Vygotsky (2002) a zona de desenvolvimento proximal é:

A distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSKY apud SANTOS, ROMUALDO e RITTER, 2010, p. 43).

Nesse aspecto entra o papel do professor tanto na vida do aluno sem deficiência quanto na vida do aluno com NEE, no qual ambos precisam dessa mediação para conseguir avançar no seu desenvolvimento e aprendizagem escolar. Entretanto, Banzatto (2010, p. 40) considera que, “diante dessa realidade, o professor deverá estar em processo constante de aprendizado, vistos os desafios inerentes à sua atuação”. Esse é um ponto essencial na atuação dos profissionais, o costume e a necessidade de adquirir mais conhecimentos e estar atualizados no decorrer das mudanças sociais advindas, e que adentram nos contextos escolares, fazendo parte do seu trabalho como mediador dos conhecimentos. Agindo assim, os educadores terão mais facilidade em buscar os meios mais eficazes para ajudar à criança nesse processo de construção do conhecimento, pelo qual também fazem parte as crianças com NEEs.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O princípio da escolarização é uma fase importante no processo de construção do conhecimento da criança em relação a alfabetização, portanto para que isto aconteça e contribua nesse processo, tanto a escola quanto o professor, precisam respeitar os saberes que a criança já possui sobre a vida e as suas hipóteses sobre o que é ler e escrever. A alfabetização é o início da formação escolar da criança seja ela com Necessidades Especiais ou não. É o lugar em que ela estabelecerá a base para todos os anos de escola que terá futuramente, deste modo é indispensável que a base inicial de escolarização seja bem desenvolvida na vida de todas as crianças.

Essa pesquisa é de grande importância para a nossa profissão como educadores, pois por meio dos resultados aqui obtidos tivemos uma visão desenvolvida de como é trabalhado o processo de alfabetização de crianças com NEE. Foi possível conhecer um pouco da realidade vivida pelos professores no processo da alfabetização dos seus alunos. Adquirimos diversas informações e conhecimentos de como são desenvolvidas as atividades das professoras da escola e os desafios que são encontrados na alfabetização das crianças com Necessidades Educacionais Especiais.

Vale a ressalva de que é necessário que os professores alfabetizadores compreendam que as crianças precisam começar a pensar sobre a leitura e a escrita antes de ingressar na escola, visto que convivem socialmente com adultos. Por vezes, desde cedo a própria família já tem o hábito da leitura e escrita e conseqüentemente a criança começa a adquirir o hábito de ler, é claro que dependendo de sua necessidade. Nessa analogia, muito cedo fazem a leitura das imagens e ilustrações dos livros, mas não só por isso, a criança quando chega na escola já sabe falar, perguntar, contar histórias, conversar, responde e interage fluentemente com a oralidade. Na escrita ela desenha para simbolizar uma letra, e isso fica bastante evidente nos rabiscos, desenhos e garatujas que fazem e que para elas têm sentido, portanto, o professor precisa respeitar e saber trabalhar a partir dessas fases apresentadas pela criança.

Constatamos por meio dessa pesquisa que não é fácil identificar precisamente quais são os melhores métodos e metodologias escolhidos pelas docentes em prática, principalmente quando se adquire resultados tão significativos no processo de ensino aprendizagem dos educandos com NEE, como foram apresentados a partir do desempenho de cada criança nas instituições escolares. Elas utilizam metodologias e materiais pedagógicos diversificados, incluindo o lúdico, jogos, o diálogo e a interação entre

professora e alunos. Por essa razão, se os métodos das docentes não eram os mesmos, não significa que não eram bons, pois os objetivos das professoras foram alcançados e bons resultados foram possíveis de serem notados através do desenvolvimento apresentado pelas crianças com NEE. Significa que cada aluno apresenta necessidades específicas, portanto métodos diferentes.

Nesse contexto, ressaltamos que muito na escola depende do professor, de sua habilidade profissional, sua competência, técnica e linguística e também das condições de trabalho. Não obstruindo o uso do seu método que também é uma utilidade fundamental como ferramenta do professor. De qualquer forma, as docentes trabalhavam com o método construtivista, propondo que o aluno participasse ativamente do próprio aprendizado, mediante a interação e experimentação, a pesquisa em grupo, o estímulo, a dúvida e o desenvolvimento do raciocínio.

Em conversa no momento das análises e durante as observações de algumas aulas constatamos que o perfil das professoras era parecido com relação às aulas, os métodos e compromisso. Elas igualmente exibiam boa aparência, facilidade de comunicação, simpatia, experiência anterior e dinamismo, sabendo exercer confiantes o seu papel de profissional capacitada, buscando ajudar os alunos nas atividades escolares e no seu desenvolvimento global.

Destacamos com bastante ênfase que a partir das leituras desenvolvidas e do resultado dessa investigação, que a alfabetização das crianças com NEE é um processo bastante complexo, por essa razão precisa ser melhor compreendido, notando especialmente o que ocorre com aquele que se encontra envolvido nessa modalidade escolar de descobrimento da leitura e escrita, que é a criança. De certa forma, envolve não apenas a escolarização por si só, mas o direito e dever de cada cidadão, como a inclusão da compreensão ao mundo tecnológico que nos rodeia. Isto é, por meio desse primeiro passo que é a alfabetização temos a possibilidade de conhecer o mundo imenso que a leitura e a escrita nos proporcionam, no qual envolve o uso da tecnologia. Por essa razão, a escrita é fundamental para uma sociedade, pois permite registrar através dela a forma de vida de um povo de uma determinada época, assim entendemos que a escrita é um componente indispensável em uma sociedade.

Entendemos ainda que a aprendizagem da criança com ou sem necessidades especiais, passa por um processo a cada dia. Conforme a interação oferecida pelo professor a criança desvenda o processo de leitura e escrita. O que torna a presença do professor essencial durante todo esse momento de construção de conhecimentos, não apenas na

educação infantil, mas em todo o percurso escolar, exercendo o seu papel de mediador e transmissor de informações.

A Educação Infantil tem se efetivado como uma preocupação no âmbito da educação, principalmente por ser a base do processo do ensino educacional, na qual tudo depende dessa formação, portanto precisa ser bem desenvolvida. Durante os resultados levantados pela pesquisa e estudos, consideramos que a inclusão aos poucos vem alcançando um patamar mais elevado nas escolas de Cruzeiro do Sul, pois infelizmente nem todas as escolas ainda estão preparadas para oferecer esse atendimento de qualidade. É importante frisar que mesmo enfrentando todos os problemas e dificuldades, as professoras buscam de alguma forma ajudar no processo de desenvolvimento dessas crianças, com a busca incessante de métodos qualificados e capazes de contribuir para o processo de aprendizagem das crianças com Necessidades Educacionais Especiais.

Ao longo da história da alfabetização muitas mudanças ocorreram para que as pessoas se alfabetizassem de acordo com as exigências da sociedade, isto é, o uso dos métodos que envolviam as cartilhas, a repetição quando o erro era cometido, aos poucos foram sendo substituídos pelo uso dos textos e frases que apresentavam sentido para os leitores. Hoje esses “erros” são vistos como hipóteses apresentados pela criança no momento de sua escrita, no qual os professores trabalham a partir do que a criança já oferece.

Ressaltamos que os objetivos elencados para a realização dessa pesquisa foram alcançados, pois por meio das questões em estudo verificou-se que as docentes exercem suas práticas de acordo com as capacidades e deficiências dos educandos, ou seja, respeitando e ajudando-os a passar de uma hipótese para outra, mesmo que de maneira gradativa. Se apoiando em metodologias diversificadas e atrativas no momento do ensino aprendizagem afim de que incluísse positivamente os alunos com NEE.

Compreendemos que ensinar e educar uma criança não é responsabilidade exclusiva dos pais, e sim de todos que estão vinculados a ela, direta ou indiretamente, como a escola, o professor, a família, o Estado e própria sociedade. Em contrapartida a esse discurso, sabemos que não somente a Educação Infantil Especial, como também os demais níveis de ensino, requerem qualidade, tanto de professores capacitados, como de estrutura, mudanças, de recursos e de envolvimento e comprometimento dos serviços governamentais. Para que isso ocorra, necessitamos de professores qualificados, conhecedores do seu papel profissional na formação dos alunos com NEE, que também fazem parte da nova geração e buscam se inserir no âmbito escolar.

Nesse sentido, destacamos o nosso anseio de que esta pesquisa colabore para nortear outros pesquisadores em conhecer mais sobre como ocorre o processo de Alfabetização e Letramento de crianças na Educação Infantil, buscando facilitar os primeiros passos rumo ao fazer docente no processo de alfabetização das crianças que apresentam Necessidades Educacionais Especiais.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Júlio Gropa. **A relação professor-aluno: do pedagógico ao institucional**. São Paulo: Summus, 1996.
- ANTUNES, Katiúscia C. **FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: OS CURSOS DE PEDAGOGIA EM FOCO** / Katiúscia C. Vargas Antunes, Rosana Glat. Vargas. Publicado em: PLETSCHE, M. D. & DAMASCENO, A. (Org.). Educação Especial e Inclusão Escolar: reflexões sobre o fazer pedagógico. Seropédica: Edur/UFRRJ, 2011.
- ARANHA, Maria Salete Fábio. **Educação inclusiva: v. 4: a família / coordenação geral SEESP/MEC**; Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2004.
- _____. **Educação inclusiva: v. 3: a escola / coordenação geral SEESP/MEC**; Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2004.
- AZENHA, Maria da Graça. **Construtivismo: de Piaget a Emília Ferreiro**. 8. ed., São Paulo: Ática, 2006.
- BANZZATTO, Bergamo Regiane. **Educação especial: pesquisa e prática / Regiane Banzatto**. – Curitiba: Ibpeex, 2010.
- BARDIN, J. L. **Ére logique**. Paris: Robert Laffont, 1977.
- BEYER, H. O. **Inclusão e avaliação na escola de alunos com necessidades educacionais especiais**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2006, 2ª edição.
- BUENO, J. G. S. **Crianças com necessidades educacionais especiais, política educacional e a formação de professores: generalistas ou especialistas?** Revista Brasileira de Educação Especial. V. 3, n. 5 Piracicaba, SP: Unimep, p. 7-25, 1999.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia**. Brasília. 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Marcos Políticos - Legais da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva** / Secretaria de Educação Especial. – Brasília: Secretaria de Educação Especial, - 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. – Brasília: MEC/SEF, 1998. (vol. 1).
- CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e Letrar: um diálogo entre teoria e prática**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- CORTELLA, Mario Sergio. **A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. 10. ed. São Paulo, Cortez: Instituto Paulo Freire, 2006.

COSTA, Ademárcia. **Educação Inclusiva: Uma reflexão sobre Representação Social e Formação Docente.** São Paulo: Editora Sucesso, 2010.

FARIA, Wendell Fiori de. **Lavando os pés para aprender a ler e escrever em uma escola ribeirinha do vale do Juruá: a escola da vida e a vida na escola.** Tese (doutorado em educação), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

FERRARO, Alceu Ravello. **História inacabada do analfabetismo no Brasil.** São Paulo: Cortez, 2009.

FERREIRO, Emilia e TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

FÁVERO, Eugênia Augusta Gonzaga. **Aspectos legais e orientação pedagógica / Eugênia Augusta Gonzaga Fávero, Luís de Marillac P. Pantoja, Maria Teresa Eglér Mantoan.** – São Paulo: MEC/SEESP, 2007.

FERREIRO, Emilia. **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo.** Brasília, 2 ed. Liber Livro Editora, 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

FREITAS, Neli Klix. Educação inclusiva e cidadania: aproximações e contradições.

GODOY, A. S. **Introdução à Pesquisa Qualitativa e Suas Possibilidades.** Revista de administração de Empresas. São Paulo: V. 35, N. 2, P. 57-63, abril 1995.

http://2.bp.blogspot.com/-V1RHobqERvM/UGMMJ9Pxx_I/AAAAAAAAAAh/SQa-nBoXM18/s1600/Crian%C3%A7as+em+roda.jpg. Acesso em 05 de outubro de 2015; 17 horas.

Revista Eletrônica de Educação. São Carlos, SP: UFSCar, v. 5, no. 1, p. 40-56, mai. 2011. Disponível em <http://www.reveduc.ufscar.br>.

KELMAN, Celeste Azulay. **Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar.** Celeste Azulay Kelman [et al.]; coordenação de Diva Albuquerque e Silviane Barbato. – Brasília: Editora UnB, 2010.

KLEIMAN, Angela. B. (Org.). **Os sindicatos do Letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** Campinas-SP: Mercado de Letras. 1995. (p. 91 – 115).

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos da Metodologia Científica.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

SANTOS, dos Rose Annie; ROMUALDO, Edson Carlos; RITTER, Lílian Cristina Buzato. (Organizadores). **Letramento e Escrita.** Maringá: Eduem, 2010. (vol. 40)

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Alfabetização no Brasil: questões e provocações da atualidade.** Campinas, SP: Autores Associados, 2007. (Coleção educação contemporânea).

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da literatura.** 6 ed. São Paulo: Cortez: Autores associados, 1992.

SOARES, Ângela Mathildes. **O real do construtivismo: Práticas pedagógicas e experiências inovadoras.** Editora FAPI LTDA. Sem data de publicação, Volume 1.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento** 5 ed., 2ª reimpressão. –São Paulo: contexto, 2008.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2009.

SCHELBAUER, Analete Regina; LUCAS, Maria Angélica Olivo Francisco; FAUSTINO, Rosangela Célia. (Organizadoras). **Práticas pedagógicas, alfabetização e letramento.** Maringá: Eduem, 2010. (vol.43)

MENDES, Enicéia Gonçalves. **Breve histórico da educação especial no Brasil.** Revista Educación y Pedagogía, vol. 22, núm. 57, mayo-agosto, 2010.

MITTLER, P. **Educação inclusiva: contextos sociais;** tradução Windyz Brazão Ferreira. – Porto Alegre: Artmed, 2003.

MICHALISZYN, Mário Sérgio. **Pesquisa: Orientações e Normas para a elaboração de Projetos, Monografias e Artigos Científicos.** 4. ed. Petrópolis. RJ: Vozes, 2008.

NARODOWSKI, Mariano. **Comenius e a Educação.** Tradução de Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: autêntica, 2001.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação infantil: fundamentos e métodos.** 4 ed. São Paulo: Cortez, 2008. (Coleção Docência em Formação).

TEPERINO, Ana Paula Pertussati. **A relação conjugal em famílias com um filho com Paralisia Cerebral.** Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2014.

TFOUNI, L. V. **Letramento e alfabetização.** São Paulo: Cortez, 2000.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ZACCUR, Edwirges. **A magia da linguagem.** – Rio de Janeiro: DP&A: SEPE, 1999.

APÊNDICE

Apêndice A: Roteiro de questionário para a coleta de dados

Professor

- 1- Qual a sua formação? Você participa ou participou de alguma formação continuada? Qual?
- 2- Há quanto tempo atua como alfabetizadora?
- 3- Quantos alunos têm na sala?
- 4- Qual método de alfabetização você utiliza para trabalhar com crianças com necessidades educacionais? E por quê?
- 5- Quais as principais dificuldades que você encontra para trabalhar com a inclusão?
- 6- Você acredita que os pais poderiam contribuir com as crianças nesse processo de alfabetização? O que eles poderiam fazer para ajudar nesse processo de desenvolvimento?
- 7- Quais os materiais pedagógicos que você tem na escola para ajudar no processo de alfabetização das crianças com necessidades?

ANEXOS

A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Professor (Modelo) 61

B – Aceite Institucional 62

C - Carta de Apresentação – Escola (Modelo) 63



Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Psicologia – IP
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhor(a) Professor(a),

Sou orientando(a) do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre _____. Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Esclareço que este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.

A coleta de dados será realizada por meio de _____ (*explicitar todas as técnicas de coleta de dados: gravações em vídeo das situações cotidianas e rotineiras da escola; entrevistas, observações, questionários etc.*)

Esclareço que a participação no estudo é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como _____ (*explicitar instrumentos de coleta de dados*), ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone _____ ou no endereço eletrônico _____. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente.

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Professor

Nome do Professor: _____

E-mail(opcional): _____



Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Psicologia – IP
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
 Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

Aceite Institucional

O (A) Sr./Sra. _____ (nome completo do responsável pela instituição), da _____ (nome da instituição) está de acordo com a realização da pesquisa

_____, de _____ responsabilidade do(a) pesquisador(a) _____, aluna do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar no Instituto de Psicologia do Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano da Universidade de Brasília, realizado sob orientação da Prof. Doutor/Mestre. _____.

O estudo envolve a realização de _____ (entrevistas, observações e filmagens etc) do atendimento _____ (local na instituição a ser pesquisado) com _____ (participantes da pesquisa). A pesquisa terá a duração de _____ (tempo de duração em dias), com previsão de início em _____ e término em _____.

Eu, _____ (nome completo do responsável pela instituição), _____ (cargo do(a) responsável do(a) nome completo da instituição onde os dados serão coletados, declaro conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 196/96. Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidade como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

_____ (local), ____/____/____ (data).

 Nome do (a) responsável pela instituição

 Assinatura e carimbo do(a) responsável pela instituição



Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Psicologia – IP
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
 Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

Da: Universidade de Brasília– UnB/Universidade Aberta do Brasil – UAB

Polo: _____

Para: o(a): Ilmo(a). Sr(a). Diretor(a) _____

Instituição: _____

Carta de Apresentação

Senhor (a), Diretor (a),

Estamos apresentando a V. S^a o(a) cursista pós-graduando(a)

que está em processo de realização do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar.

É requisito parcial para a conclusão do curso, a realização de um estudo empírico sobre tema acerca da inclusão no contexto escolar, cujas estratégias metodológicas podem envolver: entrevista com professores, pais ou outros participantes; observação; e análise documental.

A realização desse trabalho tem como objetivo a formação continuada dos professores e profissionais da educação, subsidiando-os no desenvolvimento de uma prática pedagógica refletida e transformadora, tendo como consequência uma educação inclusiva.

Desde já agradecemos e nos colocamos a disposição de Vossa Senhoria para maiores esclarecimentos no telefone: (061) 3107-6911.

Atenciosamente,

Coordenador(a) do Polo ou Professor(a)-Tutor(a) Presencial

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar: **Prof^a Dr^a Diva Albuquerque Maciel**